

EDUCAÇÃO E EXPERIÊNCIAS

EDUCAÇÃO E EXPERIÊNCIAS

RELATOS DE PROFESSORES VOLUNTÁRIOS E EX-ALUNOS DO PREVEC

2º EDIÇÃO

Organizadoras

Joselene Ieda dos Santos Lopes de Carvalho
Mara Fernanda Parisoto



Diagramação: Marcelo Alves

Capa: Gabrielle do Carmo



A Editora Fi segue orientação da política de distribuição e compartilhamento da Creative Commons Atribuição-Compartilhamento 4.0 Internacional https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação e experiências: relatos de professores voluntários e ex-alunos do PREVEC [recurso eletrônico] / Joselene Ieda dos Santos Lopes de Carvalho e Mara Fernanda Parisoto (orgs.). – 2. ed. – Cachoeirinha : Fi, 2025.

95p.

ISBN 978-65-5272-052-8

DOI 10.22350/9786552720528

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Educação – Curso pré-vestibular – Relatos – Paraná. I. Carvalho, Joselene Ieda dos Santos Lopes de. II. Parisoto, Mara Fernanda.

CDU 376(047)(816.2)

Catalogação na publicação: Mônica Ballejo Canto – CRB 10/1023

SUMÁRIO

Prefácio	7
<i>Joselene Ieda dos S. L. de Carvalho</i>	
1	9
Relatos de Experiências do PREVEC: desde minha escolha de curso até a tão sonhada aprovação na Universidade Federal do Paraná	
<i>Gabriel Rafael de Souza</i>	
2	19
PREVEC, o meu cursinho pré-vestibular	
<i>Rosângela Maria de Assis</i>	
3	23
Minha experiência com o PREVEC	
<i>Amanda Teixeira Faria</i>	
4	31
“Sonho que se sonha só, é só sonho, mas sonho que se sonha junto é realidade”: a disciplina de história no PREVEC	
<i>Joselene Ieda dos Santos Lopes de Carvalho</i>	
5	39
O ensino do espanhol em um cursinho pré-vestibular comunitário: relatando experiências, construindo vivências	
<i>Helôisa Patrícia Besson Morgan</i>	
<i>Jessica Paula Vescovi</i>	
6	47
Relato de experiência – os desafios da disciplina de biologia para o pré-vestibular no ensino remoto	
<i>Letícia Gabriela Tartari</i>	
7	57
História no PREVEC: experiências voltadas para o ensino de história no cursinho pré-vestibular da UFPR	
<i>Vanderson William Ribeiro Silva</i>	

8	69
Reivenção e adaptação das técnicas docentes	
<i>Paulo Galeti</i>	
9	79
Docência na universidade: estágio obrigatório no cursinho PREVEC	
<i>Vanessa Nichetti Dogado</i>	
10	91
Relato de experiência com a disciplina de sociologia no PREVEC	
<i>Jorge Alexandre Bueno Aymoré</i>	

PREFÁCIO

Joselene Ieda dos S. L. de Carvalho

A presente obra é resultado de reunir em algumas páginas, um pouco do esforço de professores, ex-professores e ex-alunos que fizeram parte da história do cursinho pré-vestibular comunitário (carinhosamente conhecido como PREVEC) da Universidade Federal do Paraná, campus de Palotina.

É importante mencionar que o Prevec ainda existe e resiste, mesmo diante de tantos ataques à educação pública. Se podemos ter nessas páginas o compartilhamento de experiências sobre esse projeto, é porque tem sido sonhado e construído por muitas mãos. No entanto, seria desleal não reafirmar a mão que mais acolhe e protege o Prevec: Mara Fernanda Parisoto.

Mara, tem sido mais do que uma coordenadora, uma defensora e aliada da educação pública. Por isso, este livro, assim como o Prevec, só existe devido seu esforço e dedicação.

Nas páginas seguintes vocês encontrarão sonhos, conquistas, trajetórias e memórias de pessoas que fizeram e fazem parte do Prevec. Dividimos o livro em dois momentos, o primeiro, com experiências de alguns alunos e alunas que se propuseram em compartilhar conosco seus relatos e na segunda parte, voluntários que estiveram e estão com o Prevec, das mais diversas áreas.

Seguimos juntos e firmes, por uma educação pública, gratuita e de qualidade!

1

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DO PREVEC: DESDE MINHA ESCOLHA DE CURSO ATÉ A TÃO SONHADA APROVAÇÃO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

*Gabriel Rafael de Souza*¹

O ano era 2019, estava em plenas férias de julho e havia acabado de voltar à minha casa após uma semana distante, quando encontro um cachorro - que havia sido abandonado em meu bairro a alguns meses e, desde então, andava junto com outra cachorrinha de rua - todo machucado, pois havia sido atropelado a cerca de 5 dias atrás. Nem pestanejei, levei ele direto para dentro de casa, apesar de morarmos em uma casa alugada cujo dono já havia deixado bem explícito não querer animais. Sem saber o que fazer com aquele cachorro todo machucado e praticamente em estado de decomposição pelos dias que ficou sem socorro, somado ao fato de meus pais não quererem levar ele a um veterinário, comecei a pesquisar remédios e maneiras de melhorar o bem-estar daquele anjo de quatro patas. Mesmo indo contra todas as expectativas, consegui salvar a vida daquele cachorro, batizei ele como “Mico” pela sua semelhança a um Mico Leão Dourado e até hoje ele vive conosco. Nesse período que acompanhei a evolução dele e percebi o que fui capaz de fazer, foi como se uma porta que sempre esteve “abaixo de meu nariz”, devido a meu carinho aos animais desde pequeno, tivesse se aberto, essa porta é a Medicina Veterinária. Entretanto, um novo empecilho surgiu, sendo esse o alto custo exigido para cursar Veterinária nas universidades particulares, algo totalmente fora das

¹ Estudante do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Paraná, campus de Curitiba.

condições de minha família, mas tenho certeza de que mesmo que tivesse todas condições possíveis para me manter em uma instituição de ensino superior privada, meu coração sempre seria da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

No ano seguinte, estava iniciando o último ano do ensino médio e, conseqüentemente, a tão temida jornada de vestibulando em busca de uma vaguinha na UFPR no curso de Medicina Veterinária. Apesar de tudo parecer perfeito, com a oportunidade de ter cursado integralmente o ensino médio em uma instituição de ensino privada renomada, graças a minha bolsa de desconto, a pandemia do Coronavírus estragou todos os meus planos. O que era para ser apenas 2 semanas sem aulas, devido à pandemia, tornou-se um longo ano de aulas no formato remoto, abalando muito meu psicológico, desenvolvimento como estudante e o pior de tudo, abalou minha carreira como vestibulando. Além disso, devo confessar que também cometi um dos piores erros, sendo esse nunca acreditar em mim mesmo e na minha capacidade de realizar esse sonho, mas nunca iria me contentar enquanto não realizasse ele. Foi nesse cenário que conheci o Pré-Vestibular Comunitário da UFPR de Palotina, o queridíssimo PREVEC, quando as aulas também tiveram essa alteração de presencial para remotas e, conseqüentemente, a oportunidade de ampliar o alcance para além de Palotina. Logo na primeira aula, apaixonei-me pelo cursinho, fui recebido com muito carinho pelos professores e, apesar da pequena quantidade de alunos, tudo era perfeito. Inicialmente, as aulas eram no período da noite de segunda a sexta, fazendo com que, todo dia, eu contasse as horas para finalmente ter mais uma aulinha com o PREVEC. Minha rotina ficou um pouco corrida, por conta das aulas regulares do ensino médio, que ocorriam no período da manhã, somado aos meus estudos, resumos e simulados da parte da tarde e as aulas do período noturno do PREVEC, mas foi como se eu tivesse encontrado meu

lugar no mundo e uma nova família com o cursinho comunitário, conheci tanta gente bacana nesse período, pois as aulas remotas pelo *Google Meet* possibilitavam uma conexão e interação muito próxima dos professores e colegas, sem contar que a turma com poucos alunos permitia que o professor focasse mais em nossas dúvidas e nos auxiliassem pontualmente em nossas dificuldades.

As aulas do PREVEC foram perfeitas e de muita qualidade desde o primeiro momento em que comecei a participar do cursinho, tivemos oportunidades que nunca imaginava ter em minha vida, como ter aulas com professores extremamente renomados, doutorandos e até o mais inimaginável para um mero mortal como eu, ter aula com uma professora formada pela Universidade de Harvard, tudo isso completamente gratuito e para todos. Além de tudo isso, jamais posso deixar de agradecer o grande apoio emocional que recebi pelo PREVEC, a pandemia deixou-me no chão e todos os professores e colegas do cursinho comunitário foram os responsáveis por levantar-me e guiar-me até a faculdade, deixando a trajetória de vestibulando um pouco mais fácil.

De modo a exemplificar um pouco sobre as matérias e professores do PREVEC, listarei algumas das matérias e didáticas dos professores iniciais do cursinho, infelizmente não conseguirei listar todos os professores que passaram pelo PREVEC devido a sua alta quantidade, mas os iniciais foram:

- Matemática, com a Professora Bárbara: a Bárbara sempre foi muito atenciosa e foi a professora da minha primeira aula no cursinho. Fui muito bem recepcionado por ela e via a gratidão nos olhinhos dela a cada dia que ela me via novamente assistindo a aula dela, pois nos momentos iniciais do cursinho, o número de alunos não passava de 10 e eram poucos os que persistiam dia após dia. Com ela, conseguimos revisar todos os conteúdos mais cobrados no vestibular da UFPR.

- **Literatura, com o Professor Admir:** nossas aulas com ele eram muito preciosas e o tempo voava e ninguém percebia, de tão maravilhosas que eram. Mais de uma vez, terminávamos a aula bem após a meia-noite com um gostinho de quero mais. O professor Admir sempre foi muito paciente e explicou detalhe por detalhe de todos os livros da leitura obrigatória do vestibular, com resumos de cada capítulo minuciosamente de todos os livros. Como eu já havia realizado a leitura de todas as obras, esses resumos foram perfeitos para recapitular cada momento da história com detalhes.
- **Física, com a Professora Nayara:** a professora Nayara foi umas das pioneiras do período remoto do cursinho, muito atenciosa e que nos trouxe vários problemas interessantíssimos com várias pegadinhas, aprendemos muito com nossos erros nelas. Ela também foi uma professora que sempre foi muito grata pelos alunos continuarem a frequentar as aulas dela, mas mesmo assim, havia dias com menos de 5 alunos na sala, apesar de todos os esforços dela e todas as aulas de qualidade que ela nos ofereceu. Fiquei muito triste no dia que ela avisou que não estaria mais com o PREVEC.
- **Biologia, com o Professor Leonardo:** o professor Leo também sempre foi muito precioso e montava sempre *slides* bem caprichados com toda a matéria da aula bem sintetizada. Com ele, conseguimos revisar todos os conteúdos principais de biologia com muitos detalhes, além de nos divertimos com suas histórias de vida, como do dia que ele chegou de viatura da polícia para realizar a prova do vestibular. Ele foi um dos professores que mais tivemos aula durante o cursinho por conta de sua disposição a intermediar aulas quando outros professores faltavam ou terminavam suas aulas mais cedo.
- **História, com a Professora Joh:** a professora Joh foi uma das professoras do cursinho que adquiri muito carinho pelo carisma dela e explicações formidáveis da matéria, sem contar nas horas de discussões sobre pautas importantes da sociedade contemporânea, assuntos socioculturais e políticos. Aprendemos muito com ela ao mesmo tempo que nos divertíamos. Com ela, o PREVEC tornou-se uma família para mim, sendo ela sempre muito carinhosa com todos do cursinho por igual. Além de História, também tivemos Filosofia

e Sociologia com ela, com revisões, resoluções de questões, discussões e resumos por capítulos das leituras obrigatórias de filosofia.

Muitos outros professores passaram ainda pelo cursinho nesses quase 2 anos que frequentei ele e, infelizmente, não consigo listar todos, como mencionei devido a quantidade, mas para sempre guardarei todos em meu coração com muito carinho, tenham certeza. Minha gratidão por vocês e por todo conhecimento que me foi passado é eterna! Devo agradecer também a Professora Mara pela coordenação do PREVEC durante todo esse período, sem contar nas breves oportunidade que tivemos em ter aulas de Física com ela.

Ainda em 2020 e início de 2021, tivemos aulas de todas as matérias, palestras, correções gratuitas de redações, simulados, mentorias para discussão de dúvidas, dicas de realização da prova da UFPR, resumo comentado de todas as obras de leitura obrigatória da prova da federal, entre outras atividades totalmente gratuitas e de muita qualidade. Com a data da prova de 2020/2021 chegando cada vez mais próxima, sem contar os adiamentos que ela teve, o número de alunos do PREVEC aumentou progressivamente e, com isso, infelizmente, alguns indivíduos entraram nas aulas *online* apenas para bagunçar, marcando o período da história do cursinho conhecido como invasões. Acabamos ficando um certo período sem aulas e de superlotação de alunos dos grupos, sem contar no abalo emocional que os professores sofreram com esses ataques, mas, felizmente, o cursinho conseguiu se reerguer mudando a plataforma que nossas aulas eram transmitidas. Devo confessar que até hoje sinto falta da antiga plataforma, por lá parecia que estávamos cara a cara com os colegas e professores, mesmo com uma turma lotada, mas foi uma alteração que chegou para o bem e logo nos adaptamos.

O ano de 2021 se inicia e com ele os adiamentos da prova da UFPR de 2020 para julho de 2021, e é justamente aqui que meu tormento piora, pois, minhas aulas do terceiro ano terminaram e fiquei sem o auxílio diário que recebia dos professores pela parte da manhã e tarde, deixando minha rotina vazia e sem a esperança de continuar em meu colégio devido aos altos custos e incerteza da aprovação. Entretanto, mais uma vez, o PREVEC me salvou nos meses seguintes até a prova da UFPR, com novos professores, revisões intensivas de todas as matérias, simulados, palestras e, até mesmo, assistimos filmes mensais em turma para descontrair a rotina tão cansativa de vestibulando. Tudo isso exigiu muita organização e disciplina, devido ao fato de estar estudando por conta própria na maior parte do dia em uma rotina extremamente exaustiva em nível pandêmico, pois, nesse momento, já havia completado um período de pouco mais de 12 meses (que posteriormente se estende para mais de 2 anos, praticamente) totalmente recluso em casa, sem sair para nenhuma atividade além das essenciais, muito raramente. Isso abalou meu psicológico, sem contar que via meus colegas anteriores de classe iniciando cursos de graduação e parecia que o tempo havia parado para mim, tudo fluía e minha vida continuava a mesma de sempre nessa preocupação diária com o vestibular, onde parecia que meus estudos nunca eram suficientes para ser aprovado.

Após minha primeira prova da federal, em julho de 2021, e alguns dias de férias, começou-se os preparativos para a prova do ENEM, enquanto aguentava a ansiedade para o resultado da UFPR, mas nem tudo são flores e minha primeira reprovação chegou. Ao contrário do que esperava, não fiquei magoado por ter reprovado, mas sim contente pela minha colocação, pois meu grande problema, como comentado anteriormente, foi nunca acreditar na minha capacidade e ao ver que minha colocação foi muito melhor do que eu imaginava, sem contar na

minha quase aprovação pelo SISU usando a nota do ENEM, foi o que me motivou ainda mais a estudar, agora com as revisões intensivas do PREVEC.

Finalizando o ano de 2021 com o ENEM chegando em janeiro do próximo ano, aumentei a quantidade de simulados e revisões para a prova junto com o PREVEC, mas, dessa vez, decidi nortear meus estudos focando mais na UFPR do que no ENEM, pois sempre escutava meus professores comentando que “estudar para o ENEM não é o mesmo que estudar para a UFPR” e, pela primeira vez, entendi o que realmente isso quer dizer. Desde a primeira vez que ouvi isso, lá no meu primeiro ano de Ensino Médio, não compreendi a tamanha sabedoria dela, mas a partir do momento que comecei a fazer simulados de todas as provas do ENEM, desde 1998, e todas as provas de primeira fase da UFPR, comecei a perceber, finalmente, o valor dessa frase e como realmente um norteamento focalizado em um modelo específico de prova auxilia na compreensão da mentalidade e padrão daquela instituição, no caso UFPR, por trás das resoluções e escolha dos conteúdos para as questões, aprendendo, assim, a pensar e resolver as questões como a universidade pensou no momento de elaborar elas, tornando o acerto inevitável, na maioria dos casos. A escolha do norteamento de meus estudos priorizando a UFPR do que o ENEM foi porque a relação entre vagas e candidatos é mais favorável para a prova da Federal, uma vez que pelo ENEM são pouquíssimas vagas ofertadas pelo SISU, com muitos candidatos e nota de corta altíssima. De toda via, jamais deixei de estudar para o ENEM, apenas direcionei meus estudos e simulados priorizando a UFPR, que possui mais vagas por candidatos.

Quem me ajudou muito nesse período e auxiliou-me a recolher meus caquinhos, junto com o PREVEC, foi minha grande amiga Gabriela Pruss, pois, juntos, começamos a fazer simulados semanais com

redações das últimas provas do ENEM, UFPR e das instituições pelas quais as provas são elaboradas pela banca da UFPR (Campo Real e Universidade Positivo). Ao final de cada simulado, um ajudava o outro nas questões que havíamos errado e pesquisávamos conteúdos e termos que não conhecíamos, ou então, que fazia muito tempo que havíamos estudado. Essa parte de resolver e realmente estudar nossos erros dos simulados foi, definitivamente, uma parte crucial para minha aprovação. Essa parte mais prática foi uma necessidade que percebi, pois sempre havia focado mais na parte teórica dos conteúdos anteriormente, com poucos exercícios e muitos resumos, trazendo à tona a necessidade de estudar com meus erros na prática.

Mais um ano se inicia, trazendo consigo minha segunda tentativa pelo ENEM, em janeiro, e minha segunda tentativa pela UFPR, em fevereiro. Dessa vez, era definitivo, o dia do resultado da federal seria um marco em minha história, seja para o bem, com minha tão sonhada aprovação, ou para o “mal”, com o início de minha jornada como proletariado em tempo integral e vestibulando nas horas vagas. Jamais posso negar que fui uma pessoa privilegiada por sempre poder estudar em tempo integral sem precisar trabalhar, mas minhas expectativas de conseguir passar no vestibular futuramente ao mesmo tempo que trabalhava, não eram as das melhores, apesar de não ser impossível.

Finalmente, em 23 de março de 2022, consegui passar no curso de Medicina Veterinária pelo vestibular da UFPR, aqui em Curitiba e, em poucos dias, minha matrícula já estava deferida e tornei-me um tão sonhado estudante da federal. Em todo esse período que fiquei estudando para o vestibular e via grande parte de minha turma e colegas iniciando cursos nas faculdades privadas, e, até mesmo na federal, era inevitável me questionar o que eu estava fazendo de errado (mesmo com todos meus esforços) por não conseguir também e perguntar a Deus o

porquê, sem entender o motivo. Hoje, vejo que essa fase de vestibulando foi uma lição de paciência e de que tudo nessa vida de fato passa, sem contar de que sempre devemos ter fé para as coisas ocorrerem no tempo de Deus, pois só ele sabe o que é certo para nosso destino no momento e na hora dele. Ao PREVEC, só tenho o que agradecer por ter salvado minha vida nessa fase incerta de vestibulares, terei o cursinho para sempre em meu coração, com seus professores e colegas tão queridos. **Jamais** esquecerei vocês e serei eternamente grato pelo auxílio totalmente gratuito e de extrema qualidade fornecido a mim durante esses quase dois anos que acompanhei o cursinho.

2

PREVEC, O MEU CURSINHO PRÉ-VESTIBULAR

*Rosângela Maria de Assis*¹

Nasci no tenro Cerrado de Mato Grosso, na década de 1960, onde a vida era simples, tinha belezas naturais intocadas, rios e matos floridos e recheados de frutos e ervas medicinais, as águas eram puras e límpidas. Corríamos, subíamos em árvores, colhíamos frutos, nadávamos e banhávamos em águas puras e transparentes. Foram tantas experiências, banhos nas águas barrentas das olarias, tombos de bicicletas, histórias e lendas, festas de santos, de candomblé, a escola inacessível das Irmãs de Caridade? Sim, tinha a dureza que circundava as famílias pobres, o preconceito oriundo dos ideais conservadores, a falta de estrutura e das políticas públicas.

Tive um pai, lindo, sonhador, sonhava com enterros de ouro, coisas valiosas, gostava do garimpo, e gostava de cultivar; primeiro os grãos, arroz, feijão, milho e algumas vezes, cuidou dos cafezais dos outros. Depois, já na jovem cidade de Rondonópolis, iniciou o cultivo de hortaliças, que lindo era circular por aqueles corredores verdes, cheios de pequenos. Também construía casas muito bem, pintava paredes e fazia pisos de cimento queimado, perfeitos. E, no final de sua vida, dedicou-se às flores, frutos e ervas medicinais e a sua pesquisa solitária sobre o além, o além daqui, era muitíssimo espiritualista. Minha mãe uma mulher bela e à frente de seu tempo, sempre nos estimulou a trabalhar e estudar, “tem que estudar pra formar”, era o que ouvíamos, e, essa orientação ficou viva em mim. Estive em pelo menos três

¹ Estudante do curso de Licenciatura em Artes da Universidade Federal do Paraná, campus de Matinho-PR.

faculdades, sem terminar nenhuma, nos Cursos de Pedagogia, Filosofia e Direito e por diversos motivos não terminei nenhum deles.

Foram tantas mudanças, revezes, até eu completar 60 (sessenta) anos e me decidir fixar moradia no Sul, em Curitiba, perto dos meus filhos. Um lugar bonito e seu ar gelado e sua vida cultural, principalmente o teatro chamaram muito minha atenção, porém, o sonho de viver perto do mar estava ali, guardado. Isso me intrigava e ainda intriga, mexe comigo, a metrópole e sua vida agitada e a praia, o mar, sua calma. Tudo isso mexe comigo, onde viver. Por enquanto, pé na estrada, vida cigana, o caminhar alegre meu Ser, meu eu.

Eu estava em Brasília, quando a primeira onda do Covid-19 chegou em nosso país. Saí de Brasília e fui me refugiar no Cerrado de Chapada dos Guimarães, Mato Grosso, não me senti segura, vim para o Paraná, ficar perto dos meus filhos, aonde o Raio veio de São Paulo, e ficou comigo. Nesse período conturbado, onde a Terra parou, como previu Raul Seixas. Em uma tarde lânguida, ouvi no rádio, um jovem convidando para o Cursinho pré-vestibular que havia saído do modo presencial e passava para o on-line e gratuito. Anotei o endereço e busquei. Foi o que eu precisava para voltar estudar, aos 60 (sessenta)anos, o foi o que eu precisava para ajudar passar por àqueles momentos de terror, insegurança, de perdas, de sofrimento.

O PREVEC, com seu quadro de professores e alunos professores foi / foram o/os grande (s) companheiros durante a pandemia, com suas aulas alegres e interativas, onde ríamos e chorávamos, juntos. Onde também podíamos expor nossas experiências e ideias.

O PREVEC foi a ferramenta, o descortinar de possibilidades que estavam vivas, porém, adormecidas. Foi importantíssimo suporte antes e pós vestibular, nos orientando, acalmando, animando.

Eu passei no primeiro Vestibular de 2021, em Licenciatura em Artes, na Universidade Federal do Paraná, Litoral Matinhos, o curso que escolhi por ser o que me proporciona adquirir conhecimentos almejados, relacionados a Arte e Cultura. A falta desses conhecimentos sempre me incomodou, não me bastava admirar e gostar da Arte, precisava entender, e isso estou conseguindo com minhas Mestras e Mestre do Curso. Cada dia, cada módulo, o encanto aumenta. Tenho vivido momentos ímpares, nas experiências com o barro, a pesquisa, o teatro e a dança. Tenho tentado ir devagar, para não perder nada desse curso incrível, apaixonante.

Já estamos quase no final de 2022 e o laço não desfaz, estamos sempre em sintonia, atualizando as experiências e avanços, compartilhando as vivências.

O PREVEC foi um grande parceiro para que eu realizasse meus planos e sonhos, o de cursar uma graduação superior e morar na praia, nesse litoral belíssimo, seu povo e sua cultura.

Sou e serei sempre PREVEC, gratidão sem medidas, não sou capaz de traduzir meus sentimentos, de externar a esses jovens, alunos, mestras, doutoras, cientistas, que estiveram conosco e pacientemente compartilharam seus conhecimentos, nesse momento que marca a minha vida de forma positiva, eterna, para sempre.

Gratidão.

Abraços fraternos.

3

MINHA EXPERIÊNCIA COM O PREVEC

*Amanda Teixeira Faria*¹

Conheci o PREVEC completamente por acaso em um link que redirecionava para a rede social *facebook* e esse foi um dos melhores acertos que o algoritmo teve. Logo de cara me interessei pela metodologia dos professores que faziam parte do curso e ao longo de um ano o PREVEC foi como um verdadeiro lugar de conforto, não só por todo o aprendizado que obtive nesse tempo mas também pelas amizades e companheirismo precioso que encontrei, além de perceber forte desenvolvimento em minhas habilidades sociais, minha autoestima intelectual aumentou bastante enquanto frequentava o curso pois o ato de estudar, com outras pessoas e professores preparados e preocupados com o ensino ali ministrado me fez sentir que estava fazendo algo a mais pelo meu futuro e isso me motivava a continuar, mesmo com todas as adversidades que a pandemia nos trouxe, durante esse período também o hábito de estudar se tornou frequente e as aulas com seus horários marcados e dias pré-estabelecidos contribuíram imensamente para isso.

Antes do PREVEC não enxergava perspectivas de estudar para o vestibular de uma maneira gratuita e funcional, o ensino que tive durante minha trajetória escolar foi precário e uma universidade pública se tornava cada dia mais um sonho distante que eu assistia de longe nos banners expositivos no centro da cidade em que moro, onde colégios particulares com seus cursos que estavam fora de questão para

¹ Estudante do curso de Letras-Inglês na Universidade Estadual do Norte do Paraná, campus de Jacarezinho.

minha realidade exibiam como troféus as conquistas de seus alunos. A porta que se abriu diante de mim fez com que os caminhos a serem traçados para a entrada na universidade se tornassem menos tortuosos, pois, provas e vestibulares com o Enem desestruturaram até o estudante mais preparado e a possibilidade que o projeto de extensão me trouxe certamente facilitou e amenizou esse processo.

Influenciou positivamente, apresentando realidades distintas com as quais antes dessa experiência não possuía a oportunidade de fazer parte, desmistificou muitos assuntos tratados na escola anteriormente com a visão europeia colonizadora e me forneceu a autonomia que a muito me era negada nos moldes inflexíveis que muitas vezes existem no ambiente escolar com a função de formar mão de obra para o mercado de trabalho. Em uma aula apresentada pela Prof. Dr. Joselene Ieda, tive contato pela primeira vez com a religião de matriz africana, foi desenvolvido em aula juntamente com outra professora que participava ativamente da religião pautas importantíssimas que devem ser trabalhadas e discutidas em sala de aula, afim de desmistificar o racismo religioso que permeia nossa sociedade, inclusive a escolar, o assunto abordado nessa aula, além de ter servido como preparação para questões de sociologia no vestibular da UFPR, me encorajou a ir aprimorar meu conhecimento no estudo de questões étnico raciais que estavam fora da minha bolha.

Mesmo com o fator distância (não pela pandemia, e sim pelo fato de não residir na cidade em que ocorre o curso) me senti sempre muito próxima e acolhida por todos que frequentavam o “cursinho”, foi definitivamente um elemento formador para mim como pessoa, adolescente com sonhos, objetivos e ser social que tem como propósito se tornar educadora. O PREVEC, juntamente com a professora Joselene Ieda, me mostrou a capacidade que habita em mim e que o sistema me

fez acreditar que não existia, assim como faz com muitos jovens como eu, apresentei o curso de forma espontânea para algumas colegas que passavam pelo mesmo nervosismo e desmotivação que é o último ano do ensino médio para quem não sabe e não possui exemplos próximos do que seguir e se espelhar. Conhecer jovens na mesma situação que a minha foi com certeza algo que impulsionou minha trajetória como vestibulanda, fortificou ainda mais o pensamento de que para se mudar a realidade em que vivemos o estudo seria o caminho, nesse meio tempo não obtive apenas apoio com as matérias do vestibular mas também com demandas psicológicas que pairam sobre os jovens nessa época, apoio prestado tanto dos colegas que passavam pelo mesmo, quanto dos professores e também de uma profissional da área que prestou dicas e macetes contra a ansiedade na semana da prova, o que com certeza auxiliou em todo processo.

O Prevec com toda sua equipe sempre buscou respeitar as diversidades dos participantes do curso, trazendo quando possível legendas para os vídeos e tradução em libras, a importância que a acessibilidade tem dentro da estrutura do curso era algo evidente e mesmo com as dificuldades presentes em se manter um curso pré vestibular de grande porte com poucos recursos o bem estar e acolhimento para com todos presentes na plataforma sempre existiu.

Alem de temas sociais mencionados acima o prevec também apoiou e incentivou projetos como “Meninas Na Ciência” que fortalecem ideias feministas e aumentam a confiança de muitas meninas em si mesmas, pautas feministas que também foram abordadas no curso tiveram resultados na prova do vestibular e igualmente em discussões que agregaram para o desenvolvimento pessoal, personagens femininos importantes na história também fizeram parte das aulas e agregaram na formação estudantil de muitos. A sensação de fazer parte de uma

plataforma especialmente voltada para esse momento conflituoso, abordando questões sociais que não eram aprofundadas em meu meio acadêmico foi com certeza algo que me marcou muito, tanto pelo conhecimento adquirido quanto pela liberdade que existe no curso em si para se expressar, sendo aluno ou professor.

Importante mencionar as várias realidades que nos eram apresentadas, como por exemplo, o esclarecimento que a “Helô”, voluntária do PREVEC, nos trouxe sobre seu tempo de intercâmbio, algo que sobrevive em minha mente até os dias de hoje e influenciou positivamente na tomada de decisão para o meu curso, a paixão por esse contato com diversas realidades também foi influenciada por conta desse episódio, e a importância de trazer e fazer esse papel para agregar a jovens que não conhecem por diversos motivos essa possibilidade de se fazer um intercâmbio e mostrar a eles toda a consequência e dificuldades que existem no caminho é muito importante para a formação, todas as experiências trocadas sempre tiveram um toque impessoal que acolhia e nos trazia para perto de um sentimento escolar revolucionado para intervir como humanizadores sobre os alunos.

Ainda nessa questão “humanizadora” o projeto também fez parte para a formação de alguns discentes da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, e fiquei muito contente em saber que dali saíam profissionais preocupados e responsáveis com a educação, era visível como o projeto era importante para todos ali envolvidos, e que a preocupação com a preparação dos alunos era mútua entre os participantes. A plataforma que era utilizada também permitia esse sistema dinâmico, muitas trocas foram desenvolvidas e amizades se formaram entre os alunos, algumas vezes aconteciam tentativas de boicote às aulas online, porém isso não desestabilizou e nos fortaleceu a seguir adiante em nosso objetivo, a educação sempre teve que se

reinventar para tornar o acesso a bons meios de ensino um lugar acessível para aqueles que não possuem condições de pagar pelo seu estudo.

A democratização do ensino sempre irá incomodar aqueles quem se sentem afrontados pela capacidade de outras classes sociais que não a sua se aprimorar em sua educação, pois como sabemos durante anos esse espaço foi frequentado apenas pela burguesia, ter cursos como o PREVEC circulando entre os que buscam uma oportunidade de mudarem seus destinos, o potencial que existe em muitos alunos brasileiros que por falta de acesso e recurso se perdem aos montes, então, os projetos educacionais gratuitos e de qualidade devem ser defendidos e valorizados pela sociedade em que vivemos, que será a maior beneficiária desse aprimoramento dos potenciais dos jovens estudantes. Além do objetivo de auxiliar no ingresso dos estudantes à universidade, tem um papel formador no pensamento crítico que é necessário atualmente para que possamos nos posicionar diante das desigualdades sociais existentes.

Com diversos aprovados no vestibular, o curso cumpre com eficiência seu papel, e ultrapassa expectativas dos alunos quanto ao que seria um cursinho pré-vestibular gratuito, disponibilizando ferramentas essenciais para a formação como mentoria para ajudar aquele aluno que enfrenta problemas e não sabe como sair de alguma situação, enriquecendo o aprendizado e permitindo trocas vantajosas entre o mentor e o aluno. A linguagem utilizada dentro do projeto de extensão, sendo em aulas ou mentorias aproxima o estudante e faz com que ele se sinta à vontade para se expressar e compartilhar com os outros sua bagagem de conhecimento, pois além de recebermos ajuda dos professores, contamos também com as experiências de colegas que participam das aulas, tirando assim a sensação de solidão e desamparo

que as vezes ronda aqueles que se preparam “sozinhos” para uma grande prova.

Além da utilização da linguagem como um recurso aproximador entre os presentes, era muito comum o uso da mídia, como música que iniciava nossas aulas animadas de história ou filmes que eram transmitidos no “cinevec”, o que contribuiu para fomentar conteúdo para matérias em que é necessário uma bagagem sociocultural, para cultura também foi implementado o “show de talentos” do prevec, os alunos tinham muitas oportunidades pois o projeto de extensão cria diversas formas de se integrar aos participantes, participantes estes que são de várias faixas-etárias, se eximindo de um critério que pudesse de certa forma excluir os alunos que fogem da regra de jovem recém saído do ensino médio, um grande exemplo da diversidade existente no curso era a aluna conhecida como “Dona Rô” que participava com contribuições ótimas e engrandecedoras para com os alunos e professores. As aulas se mantêm gravadas na plataforma youtube, o que ajuda bastante estudantes que como eu, que trabalhavam e muitas vezes não estavam disponíveis no horário da aula para estudar, isso mostra como todos os recursos ao alcance do curso eram bem utilizados afim de sempre buscar melhoras sua acessibilidade, buscando incluir todos os interessados na melhor maneira, ajudando verdadeiramente na entrada dos estudantes na universidade.

O curso conta no momento com mais de mil inscrições, provando por si só como a oportunidade pode ser aproveitada se as pessoas tiverem uma chance, muitos futuros foram mudados pela importância que o prevec teve na vida das pessoas, ele sempre buscou focar nas dificuldades diferentes de cada um, as matérias aprofundavam sobre o que seria pedido no vestibular e também aprofundava para aqueles que tinham interesse além da preparação para a prova, contava também

com exercícios e simulados para termos o sentimento mais próximo do que seria o grande dia do vestibular. Por mais que eu não tenha ingressado na Universidade Federal do Paraná, toda a preparação que eu tive no anterior me ajudou muito no vestibular da Universidade Estadual do Norte do Paraná- UENP, isso comprova que o curso não foca apenas em uma prova específica, por mais que grande parte dos alunos participantes tenham como o objetivo a UFPR.

O PREVEC também traz o contato com o sentimento de como é ser universitário e como a universidade em si funciona, por ter tido contato com os estagiários que deram aula em alguns dias, pude ter noção de como o ensino superior era, e os projetos que ele exercia sobre a sociedade, as variedades de profissões que podem ser seguidas com o curso superior escolhido também era tema de trocas abordadas pelo prevec, auxiliando os jovens a ter uma perspectiva maior sobre suas escolhas. Agora com a modalidade presencial no curso, acredito que a dinâmica que já era ótima virtualmente, deve ajudar ainda mais os estudantes e não deixando de lado aqueles que por algum motivo não tenha a possibilidade de se fazer presente pessoalmente, a qualidade do curso me surpreendeu nesse sentido de estudar online pois existe a ideia de que ensino online não é muito bem aproveitado, o prevec supera esse preconceito e surpreende positivamente os participantes com todo auxílio necessário e sempre levando em consideração as diferenças de cada um.

Ademais, acredito que mais projetos como PREVEC deveriam se tornar comuns entre as instituições de ensino, a necessidade deles se fazem cada dia mais presente com a aumento da quantidade de estudantes que se formam na escola apenas visando a mão de obra para o mercado de trabalho, pois é essa visão de futuro que lhes é apresentada como possível, extinguindo assim a oportunidade de sua

entrada em um ensino superior público e de qualidade, o cursinho além de desmistificar essa visão traz consigo provas concretas das possibilidades e realidades distintas.

Atualmente me encontro cursando Letras Inglês na Universidade Estadual do Norte do Paraná, graças a oportunidade e privilégio que tive em estudar de forma totalmente gratuita e democratizada, oportunidade a qual muitos estudantes brasileiros deveriam ter e espero algum dia proporcionar com tamanha função humanizadora que o PREVEC exerceu sobre minha vida acadêmica, pois além de um curso preparatório é também formador de opiniões e profissionais que futuramente atuarão em sociedade com a experiência de terem participado de algo tão belo e nobre.

4

“SONHO QUE SE SONHA SÓ, É SÓ SONHO, MAS SONHO QUE SE SONHA JUNTO É REALIDADE”¹: A DISCIPLINA DE HISTÓRIA NO PREVEC

*Joselene Ieda dos Santos Lopes de Carvalho*²

Apresentação

Buscarei tratar minha experiência enquanto docente do Prevec ao longo dessas páginas, pois, este projeto ocupa em minha memória uma doce recordação. Iniciei como professora de História no cursinho em 2018, quando cursava o doutorado. Mesmo morando em uma cidade vizinha, Marechal Cândido Rondon-PR, arcava com os custos e junto com meu esposo, íamos em pelo menos uma segunda-feira por mês para que pudesse ministrar aulas de História no cursinho que tinha suas aulas presenciais na Universidade Federal do Paraná, campus de Palotina.

O primeiro questionamento que surge é este. O porquê, em plena fase de escrita do doutorado, vivendo em uma cidade vizinha, sobrevivendo de bolsa de pesquisa, permanecia ministrando as aulas no Prevec? Como dizem nossos alunos, sou “cria” de escola pública, sei o quanto alunos que trabalham e estudam possuem dificuldades de acesso à uma educação que os prepare para os vestibulares. Minha experiência pessoal, me auxiliou a ter um desprezo extremo à ideia de meritocracia.

Além disso, sinto-me com um compromisso social, afinal, fiz minha graduação, mestrado e doutorado em universidade pública. Dessa forma, conheci a Mara Parisoto, que se tornaria mais do que uma

¹ Referência à música “Prelúdio” de Raul Seixas.

² Docente Adjunta de História da Universidade Federal do Mato Grosso, campus de Cuiabá. Coordenou a área das Ciências Humanas nos anos de 2020 à início de 2022. Foi professora de História deste cursinho desde o ano de 2018 à início de 2022.

colega de projeto, uma amiga. Juntas sonhamos por uma educação pública, gratuita e de qualidade. E o cursinho, mais do que um desejo, se tornou na prática um projeto que nos unia, ainda que fôssemos de áreas tão distintas – eu da História, ela da Física.

Ações de reinvenções

No início de 2020, o mundo foi surpreendido com a pandemia do covid-19. Imediatamente, conversamos e decidimos que alguns professores voluntários dariam aulas de maneira remota, para que pudéssemos observar se era uma prática interessante para nossos alunos.

Eu enquanto professora de História, fui uma das que defendeu essa causa e então, iniciamos o experimento. Para nossa alegria, conseguimos atingir um público maior do que esperávamos. Minhas primeiras aulas aconteciam pelo *skype*, até que um dia, fui notificada pela plataforma de que o número de alunos que queriam assistir a aula era superior a cinquenta – número limite que a plataforma possibilitava de maneira gratuita. Sendo assim, nossa existência/resistência com esse projeto sempre foi a reinvenção. Mudávamos de plataforma, de modalidade, mas permanecíamos firmes em nosso método: uma educação de qualidade e gratuita!

Como dito anteriormente, a pandemia devastou nossas vidas. Cada aula que podia olhar, ainda que virtualmente, os nossos alunos, fazia questão de dizer que não estavam sozinhos. Assim, mais do que uma relação de professora e alunos, estabelecíamos parcerias de compromisso social, nos importávamos verdadeiramente uns com os outros.

O cansaço, o desespero de ver tantas pessoas morrendo, vítimas da pandemia, tornava o mundo um lugar difícil. Assim, busquei inovar cada dia mais no método das aulas. Desde a divulgação, utilizando memes que

eram criados por mim e um site específico, até a própria aula, em que utilizava músicas, poemas, charges, fotografias, entre demais linguagens acessíveis à comunidade jovem.

Além disso, buscava demonstrar que mesmo diante de nossas dificuldades, poderíamos trocar experiências pelo chat, que naquele momento era nossa maior ferramenta de convívio social. Para tornar os espaços das aulas mais instigantes, combinávamos de ouvir músicas que eram relacionadas aos temas, na hora do intervalo; ligarmos as câmeras para nos darmos tchau; irmos para a aula (remota) fantasiados, como foi o caso de nossa festa junina. Assim, quebrávamos o gelo que era interposto pelo virtual. Ao mesmo tempo que insistíamos em não nos sentirmos sozinhos.

Preciso dizer que para mim, nunca houve distinção em relação aos meus alunos presenciais enquanto ministrava aula na universidade, aos meus alunos do Prevec no remoto. Me importava e me dedicava para as aulas, de maneira igual. Sentia aquele espaço, como mencionou bell hooks “sagrado”. Esperava ansiosamente por encontra-los e poder saber o que havia acontecido com eles durante a semana que não havia os visto, já que nossa disciplina tinha aula uma vez por semana iniciando às 19:30h e indo até às 22h.

Nas fases mais intensas, próximas dos vestibulares e ENEM, fazíamos um intensivo, além das aulas de História, comecei a ministrar Filosofia e Sociologia, devido à dificuldade de encontrarmos professores voluntários. Deste modo, quando havia os intensivos para as provas, tínhamos a prática do “Corujão das Humanas”, ou seja, mais de quatro horas seguidas de aula, cada um com sua xícara de café, a força de vontade e muita disposição para aguentar tantas horas de estudos!

Por vezes era cansativo, pois, ainda que tivéssemos métodos distintos de outros cursinhos, buscávamos um objetivo semelhante: a

aprovação de nossos alunos no vestibular. Deste modo, cumpríamos rigorosamente com um cronograma de aulas e um calendário de conteúdos que na primeira aula de cada disciplina, divulgávamos para que entendessem a seriedade de nosso projeto.

Ainda hoje mantenho contato com vários alunos pelas redes sociais. Acompanho de perto suas conquistas. A cada recado que recebia falando da alegria da aprovação, me perdia em lágrimas, pois, recordava-me o quanto o ingresso à universidade pública mudou a minha vida. Também me preocupava verdadeiramente com aqueles que com tristeza me diziam que não haviam passado. Permanecia firme, dizia que não se entristecessem porque a hora ia chegar. E enquanto isso, estaria esperando para que continuassem no Prevec. Assim foi com a Amanda e o Gabriel, que escreveram relatos incríveis neste livro.

É necessário enfatizar que a construção dos conteúdos e das aulas, perpassavam por um árduo trabalho. Antes de evidenciar qual seria o cronograma, realizava uma pesquisa intensa nas últimas provas do ENEM e dos vestibulares da UFPR para fazer um diagnóstico acerca do que e de como poderia trabalhar os conteúdos.

Entendendo que:

Desta maneira a história que ensinamos está pronta e acabada de verdades absolutas de dogmas tradicionais e rançosos, porque na verdade para a maioria a concepção de História é esta mesma de um passado morto. Raramente o aluno é colocado diante do problema de tentar conduzir qualquer investigação, raramente aprende a fazer ciência, a fazer História - e fazer História significa lidar com a sociedade, objeto dinâmico e em constante transformação, aprende a reconhecer seus próprios condicionamentos sociais e sua posição como agente e sujeito da História. (FENELON, 2008, p. 35)

Preocupava-me em elaborar aulas que fizessem sentido para as experiências daqueles que estavam vendo o Prevec como uma

possibilidade para a realização do sonho de passar na universidade pública.

Deste modo, Rusen (1987) nos chama atenção para uma questão crucial: “para que serve o ensino de História?” Segundo Schmidt e Garcia (2005) a resposta a tal questionamento pode ser respondida a partir de uma concepção da historiografia que se preocupa com as experiências humanas. Os professores de história também devem se assumir enquanto sujeitos da produção do saber, entendendo que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção e construção.

A perspectiva de que as relações se constituem historicamente torna-se fundamental para defender a importância da História, pois, significa reconhecer que somos seres atuantes de nossas próprias histórias. Assim, a História torna-se possibilidade da realização deste encontro. De modo que, nunca foi apenas pela aprovação de uma prova, mas por uma opção de compreensão da vida em sociedade.

Estágio supervisionado em História no Prevec

Em janeiro de 2021, após terminar meu doutorado em novembro de 2020, ingressei como professora colaboradora na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Marechal Cândido Rondon, no curso de História. Me tornei professora supervisora do estágio obrigatório em História, tendo vários alunos como meus orientandos. Devido a dificuldade no contexto pandêmico, à readequação de calendários – tanto das universidades, como da rede estadual de educação básica, sugeri que os alunos do quarto ano do curso de História, fizessem o estágio na modalidade remota no Prevec.

A ideia surgiu devido ao fato de acompanhar a turma do quarto ano de História e perceber o desânimo que estavam em concluir o curso no contexto pandêmico. Além disso, ministrava as aulas no cursinho e sabia do empenho dos alunos em dedicar-se para as aulas. Elemento do qual, gostaria que meus alunos da graduação em História pudessem viver.

O resultado foi melhor do que o esperado! Tanto os alunos do cursinho, quanto os alunos da Unioeste, celebraram com gratidão o momento. Alunos que haviam me relatado o desânimo com a docência, encontraram neste projeto, um respiro para permanecerem firmes lutando pela educação.

A experiência foi tão bacana que no ano de 2022, seguimos com os estagiários de História cumprindo este momento crucial em suas vidas no cursinho.

Há nesse livro, alguns dos relatos de antigos alunos da Unioeste, que atualmente já são docentes, que descrevem como foi esse processo em suas vidas. Ao todo, tivemos mais de trinta alunos que estavam se formando em licenciatura e tiveram a possibilidade de encontrar neste projeto, não apenas a experiência de cumprir uma burocracia, mas de compreender o poder de transformação da educação na vida das pessoas.

Considero que essa experiência foi mais do que frutífera, visto que, alguns alunos que cumpriram seu estágio em História no cursinho continuaram ministrando aulas (de maneira presencial) no Prevec. Nesta coletânea, temos o relato do Vanderson, que viveu essa experiência.

Conclusão

O título desse artigo, propõe de maneira íntegra o que compreendo sobre esse cursinho. Tornou-se intrínseco à vida de quem dele fez parte. Mesmo os professores que passaram - como é o meu caso neste

momento, pois, atualmente estou morando em Cuiabá no Mato Grosso e não consigo mais participar, jamais deixarão de relembrar com afeto o tanto que esse projeto foi sonhado, organizado e exercido no coletivo.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História**. São Paulo: Papyrus, 2003.

FENELON, Dea. A formação do profissional de História e a realidade do ensino. **Tempos Históricos**. V.12, n12, p 23-35, jan-jul, 2008.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

RÜSEN, J. The didactics of history in West Germany: towards a new self-awareness of historical studies. **History and Theory**, Middletown, v. 26, n. 3, 1987.

5

O ENSINO DO ESPANHOL EM UM CURSINHO PRÉ-VESTIBULAR COMUNITÁRIO: RELATANDO EXPERIÊNCIAS, CONSTRUINDO VIVÊNCIAS

*Heloisa Patricia Besson Morgan*¹

*Jessica Paula Vescovi*²

Introdução

Quando considera-se o contexto pandêmico vivenciado e, em especial, a necessidade de se compreender o mundo e interpretá-lo, o trabalho com a linguagem é de considerável relevância, afinal, conforme pontua Rinaldi e Reali (2008, p.110), “a linguagem é um instrumento fundamental na orientação da ação, na construção do conhecimento, na constituição do pensamento e na organização das experiências”, sendo sobre o trabalho com a linguagem em ambiente virtual de ensino este relato de experiências.

Com isso em vista e tendo como objetivo evidenciar a forma como diferentes conteúdos foram abordados na disciplina de espanhol, esse trabalho, situado em um momento crítico para a sociedade e para a educação em que as aulas são ministradas de modo remoto, devido o COVID-19, por meio do *Google Meet*, no ano de 2020, versa sobre diferentes experiências tidas no Cursinho Pré-vestibular Comunitário da UFPR (PREVEC), o qual é composto por alunos e professores da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e de outras instituições, os quais trabalham de forma voluntária em prol da democratização da educação pública e de qualidade.

¹ Medicina Veterinária, UFPR, helo__morgan@hotmail.com

² Letras, IFPR, jessicavescovi1@gmail.com

Relato de experiência

Caracterizado como um projeto de extensão, cujo escopo está em colaborar para a constituição de uma sociedade mais crítica e reflexiva, de modo que a Universidade ultrapasse seus muros, construa pontes e contribua para essa formação, aprendendo, também, com aquilo que a sociedade tem a oferecer (SOUSA, 2000; SCHEIDEMANTEL, 2010); o PREVEC configura-se em um cursinho pré-vestibular idealizado e iniciado em 2016, que conta com participação de docentes, usualmente licenciandos, das mais variadas áreas do conhecimento, e que intenta promover discussões acerca de temáticas cobradas no vestibular da UFPR e no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), tomando por base uma didática mais interativa, com foco no vestibular e no ENEM, mas que não se limite apenas a ele, de modo que sempre busca-se trazer os conteúdos de maneira mais leve e interativa para os alunos. Dentre os componentes ofertados no PREVEC, encontram-se aulas de Espanhol, as quais são ministradas na intenção de contribuir para uma formação significativa do estudante.

Presencialmente, já é desafiador prender a atenção de um aluno de 16/17 anos no espanhol, levando em conta que estão aprendendo física, química, matemática e também geografia, história e biologia, as quais são matérias consideradas mais importantes e desafiadoras. Nesse último ano, esse desafio foi intensificado ainda mais com as aulas remotas, pois há ausência de rostos que mostram se entenderam ou não o conteúdo, se estão entediados ou perdidos, detalhes que fazem a diferença em sala de aula, mesmo que segundo Rothen, Nóbrega e Oliveira (2020, p.105), a sala virtual tenha a possibilidade do contato online por voz e imagem, apresentando, pois, semelhanças com as dinâmicas de aulas presenciais, na qual se tem o professor e o aluno

presentes em um mesmo espaço, só que virtual, ainda assim é exigido do estudante mais autonomia e, de toda forma, responsabilidades.

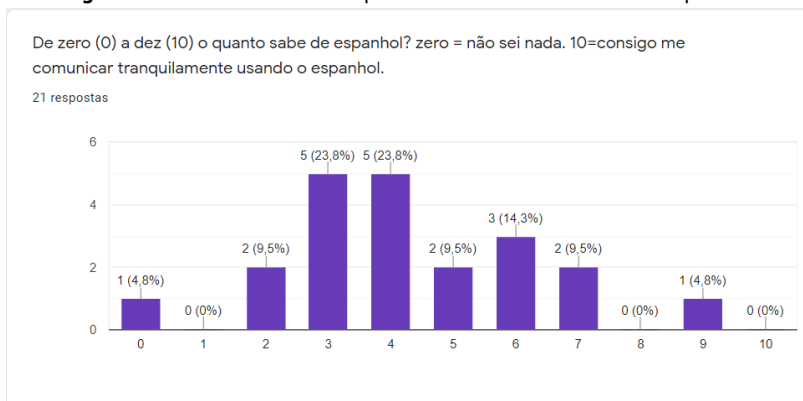
Face ao exposto, considera-se que a aproximação do docente com os discentes pode se dar por meio de atividades que visem ainda mais a interação e, quiçá, posicionamentos dos estudantes. Nesse sentido, em relação as línguas estrangeiras, em especial, ao espanhol, foram apresentadas oportunidades existentes para quem sabe uma língua a mais do que a língua materna, através da elaboração de slides com fotos foi apresentado aos alunos as experiências, trocas culturais e oportunidades já vividas pela professora graças ao domínio da língua espanhola, assim como no decorrer das aulas foi comentado a existência de programas de bolsas, intercâmbios e voluntariados que os alunos poderiam vir a concorrer tendo domínio do idioma, de modo a incentivá-los a ter um contato ainda maior com a língua estrangeira, visto que, de acordo com Cabo (2010, p. 4), “saber línguas significa possuir um poderoso meio de desenvolvimento pessoal, de integração social, de aquisição cultural e de comunicação”, dando mais propósito aos alunos e, conseqüentemente, as aulas.

Com vistas a um ensino ainda mais significativo, buscou-se apresentar a língua espanhola de maneira descontraída, como em filmes, jogos, músicas e séries, o que se mostrou muito eficiente nesta nova modalidade on-line. Além de distrair um pouco os alunos do cenário atual em que se encontra o país, o conteúdo é compartilhado de maneira mais leve e descontraída deixando o aluno mais à vontade para interagir com o professor e colegas, instigando-o a conhecer o idioma.

No decorrer do projeto foram lecionadas 9 aulas de espanhol. Na primeira aula foi enviado um pequeno questionário em português e um pequeno texto acompanhado de algumas perguntas em espanhol, para que traduzissem e respondessem com o intuito de saber qual o nível de

espanhol dos alunos, o que ajudou muito no decorrer das aulas, pois a diferença no nível de compreensão da língua entre os alunos é um dos grandes empecilhos ao lecionar línguas estrangeiras, as atividades mostraram que haviam alunos os quais a única compreensão acerca do idioma eram as palavras que são iguais no português e no espanhol, popularmente conhecido como “*portunhol*”, havia alunos intermediários e também poucos que tinham uma boa compreensão do idioma de modo a conseguir traduzir e interpretar um texto.

Figura 01: Levantamento da compreensão dos estudantes frente o espanhol.



Fonte: Própria (2021)

Com base nesses dados, tendo em vista que a grande maioria tinha pouca compreensão do idioma, as aulas foram iniciadas com os slides e falas em português e com o tempo foi adicionado algumas palavras em espanhol, assim como os exemplos e exercícios eram traduzidos pela professora no começo e depois a tradução ficou mais por conta dos alunos, os quais já estando um pouco mais confiantes e seguros para refletir sobre palavras específicas e tirar suas dúvidas.

Além do explicitado, é importante evidenciar que foi criada a rádio PREVEC, a qual tinha o intuito de tocar algumas músicas antes das aulas

e descontraír o clima com os alunos, voltando o momento de descontração para as aulas de espanhol, na maioria das vezes, as músicas tocadas eram no respectivo idioma, para que os alunos se familiarizassem com os sons. No decorrer das aulas, eram indicados músicas, séries e filmes espanhóis, para que assim com técnicas de aprendizagem (as quais serão aprofundadas no próximo ciclo do cursinho) e aplicativos de idiomas, como o *duo linguo*, os alunos estudassem traduzindo-os e se familiarizassem com a escuta e gramática, para que, assim, aprendessem a estudar e estar em contato com o idioma mesmo fora do horário das aulas *on-line*, pois como conclui Cabo (2010, p.VI), “a aquisição de uma língua estrangeira é um processo complexo tal como a linguagem humana, que é necessário ensinar o aluno a aprender a aprender, de forma a incrementar a sua competência comunicativa oral e/ou escrita”.

Não obstante, é mister destacar que datas comemorativas são comumente celebradas no projeto e não foi diferente com o dia dos mortos, tendo direito a fantasia a didática foi que assistissem ao filme originalmente em espanhol, chamado “Coco”, conhecido no português como “Viva, a vida é uma festa” a temática foi passar em aula o trailer e enviar um formulário *on-line* com perguntas, acerca do tema, para que respondessem. Ainda em relação ao filme, foi retirado uma música e cantada em aula, com a participação de uma aluna no violão. O contato dos alunos com atividades de cunho cultural é de suma importância, pois como fica claro no levantamento realizado por Oliveira (2016, p. 09-10), a principal habilidade exigida no ENEM é a compreensão leitora e todas as provas apresentam questões de concepção leitora que vão além da concepção linguística (leitura das linhas), abrangendo assim a concepção psicolinguística (leitura entrelinhas) e a sociocultural

(leitura por detrás das linhas), sendo que, por meio da exibição de filmes, as habilidades supracitadas são amplamente contempladas.

Além das estratégias já citadas, foi utilizado, também, a ferramenta Kahoot, na intenção de propiciar aos estudantes um aprendizado significativo em forma lúdica, sendo que, para essa oportunidade, foram usadas frases em espanhol, as quais foram apresentadas no decorrer das aulas em exercícios e exemplos, foi questionado aos alunos o significado de uma palavra, a qual estava em cache alta para se destacar da frase, sendo que havia uma alternativa certa dentre quatro opções, apesar de ser uma aula extra, a participação dos alunos antigos e novos se deu de forma significativa, momento em que muitos expressaram a empolgação com o idioma e o desejo de aprender mais.

Conclusões

O nível de compreensão dos alunos, que selecionam o espanhol como língua estrangeira nos vestibulares, deixa claro a existência da falsa noção de facilidade do idioma. Com isso fica nítida a necessidade de atividades didáticas mais interativas e descontraídas que tragam à tona não apenas a tradução das palavras, mas também um amplo espectro sociocultural dos países que tem como idioma o espanhol. A continuidade do PREVEC, de modo remoto, possibilitou que o acesso à educação gratuita e de qualidade a nível pré-vestibular chegasse a mais brasileiros, de maneira que com tamanha diversidade, não apenas os alunos, mas também os professores ganhassem uma imensa bagagem intelectual e cultural.

Referências

RINALDI, R. P.; REALI, A. M. M. R. **Linguagens em educação e formação inicial de professores: uma intersecção possível**. Marília: Educação em Revista, 2008.

SCHEIDEMANTEL, S. E.; KLEIN, R.; TEIXEIRA, L. I. **A Importância da Extensão Universitária: o Projeto Construir**. Belo Horizonte, Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 2004.

ROTHEN, J. C.; NÓBREGA, E. C.; OLIVEIRA, I. S. **Aulas Remotas em Tempo Emergente: Relato de experiência com a turma “Avaliação Institucional da Educação” na UFSCar**. São Carlos, Caderno de Pedagogia, 2020.

CABO, I. L. P. **Metodologia do Ensino do Espanhol como Língua Estrangeira: Recursos e Actividades Didácticas**. Covilhã, 2º ciclo de estudos conducentes ao grau de Mestre em Estudos Ibéricos, 2010.

OLIVEIRA, E. O. **Atividades Preparatórias para a Prova de Espanhol de Vestibulares e do ENEM Via Plataforma Edmodo: A Compreensão Leitora em Foco**. Londrina, Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras Modernas, 2016.

6

RELATO DE EXPERIÊNCIA – OS DESAFIOS DA DISCIPLINA DE BIOLOGIA PARA O PRÉ-VESTIBULAR NO ENSINO REMOTO

*Letícia Gabriela Tartari*¹

Sempre acreditei no poder transformador da educação, ela pode não mudar o mundo, mas pode mudar a realidade das pessoas que podem tornar um mundo melhor, como escreveu Paulo Freire. Uma visão ainda sonhadora de uma jovem de 22 anos e que dentro de poucas semanas estará colando grau e se tornando oficialmente professora de Ciências e Biologia.

A ideia de ser bióloga e poder estudar plantas e animais me ocorreu desde uns 8 anos de idade, mas foi desde o primeiro ano da faculdade que fui atraída pela área da educação, ao ouvir relatos de colegas já veteranos do curso e algumas das disciplinas de Práticas Pedagógicas inseridas no currículo que me fizeram olhar com outros olhos para a modalidade de licenciatura, a qual foi escolhida no terceiro ano da graduação. Também a admiração veio de dentro de casa, sou filha de professora do ensino básico, e ainda guardo boas e carinhosas lembranças de vários professores que tive desde pequena até hoje, ao fim da graduação.

No segundo ano de faculdade iniciei estágio, participando do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) por 10 meses e em seguida da Residência Pedagógica, são dois programas que se complementam, inserindo o graduando aos poucos a realidade do sistema educacional brasileiro. E foi dentro da sala de aula onde eu me

¹ Ciências Biológicas – Licenciatura e Bacharelado, 5º ano, Universidade Estadual de Londrina.

encontrei, compreendi que um professor não só ensina, mas aprende e muito com seus alunos.

No final do ano de 2021, estava de férias e fui convidada a dar 3 dias de revisão para o vestibular da Federal do Paraná, cheia de inseguranças e insistências devido à falta de professor aceitei e fui. Hoje abraço o Projeto com aulas, monitorias e preparo de listas de exercícios, organizo dias para tirar dúvidas...

As aulas de Biologia acontecem uma vez por semana com revezamento entre os professores, cada um com conteúdo já pré-definido, sendo um dia só para a resolução de exercícios. Tenho ficado responsável pelas segundas feiras quinzenais abordando: ecologia genética e os 5 reinos. As aulas ocorrem pelo *Zoom* e são transmitidas ao vivo pelo *YouTube*, há uma sala aberta para a disciplina Google Sala de Aula, onde as aulas, slides, materiais e listas de exercícios são disponibilizados e um canal de comunicação direto pelo *Telegram* e *WhatsApp* com os alunos matriculados.

Apesar de não ter contato direto com todos os alunos, percebemos uma grande diversidade de localidades, cursos, idades e realidades, o que acaba exigindo ainda mais de nós professores, pois, precisamos pensar em algo que possa atingir se não todos a maioria desses alunos e sempre questionar o que podemos melhorar. A profissão de professor também é aquela que está em busca de melhoras para aqueles que estão dispostos a nos ouvir. Pensando nisso, compartilho a seguir algumas ações e experiências desenvolvidas desde o início do ano que se mostraram positivas e geraram bons resultados.

- Aula interdisciplinar de Biologia e Geografia

Sabemos que o conteúdo de biologia muitas vezes não é bem-visto pelos alunos, sendo considerado complexo e até desconexo com a

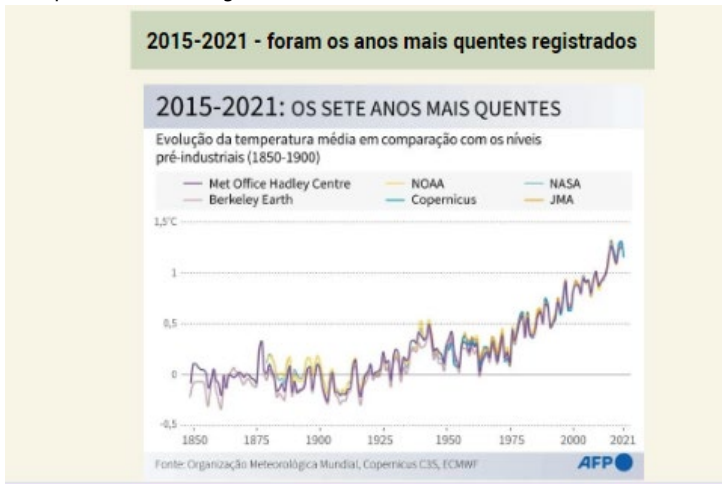
realidade, pensando nisso procuro preparar as aulas não só pensando no vestibular como também mostrar como isso está associado à nossa realidade. Ensinar é muito mais do que repassar conteúdos e ficar na “decoreba” é buscar que aquilo faça sentido para cada um deles, que possa ser atrativo e interessante.

No fim de blocos de conteúdo procuro trazer uma aula de encerramento diferente, como aconteceu quando encerramos Ecologia, convidei um professor de Geografia para discutir alguns temas que já tinham surgido de forma breve ao longo das aulas e outros propostos por ele. Nesse momento criamos uma conversa e diálogo com os alunos, discutindo questões ambientais e atuais envolvendo clima e suas mudanças, população, alimento, chuvas e secas, como a pandemia afetou a nossa realidade e outras questões. Dentro desse contexto discutimos a interpretação de mapas, gráficos e notícias, conseguimos explorar diversas questões, fazer análises e discutir cada ponto.

Desse modo, ao se criar pontes entre as disciplinas podemos estimular os estudantes a olharem mais amplo, questionarem a realidade e de uma forma ou de outra contribuindo para o vestibular, incentivando a interdisciplinaridade, trazendo questões de atualidades e argumentos.

Esse momento, apesar de online e com as limitações de interação pelo *YouTube*, demonstrou-se positivo, aos poucos os ouvintes se tornaram participantes ativos das discussões, compartilhando pontos de vista, situações e tirando dúvidas. Foi um momento importante para incentivar a participação ativa desses alunos que acabou refletindo em aulas futuras.

Imagem 1: Exemplo de um dos assuntos abordados. Evolução da temperatura média em comparação com os níveis pré-industriais. (AFP/Divulgação) – retirado de <https://exame.com/esg/onu-castastrofe-climatica-indicadores-recorde-2021/>



- Aula contextualizada de evolução

Sabendo que o conteúdo de evolução é muitas vezes negligenciado ou causa certa confusão, para a aula de encerramento da sequência trouxe para os alunos a simulação da Seleção Natural descrita por Charles Darwin e que acompanha até hoje a Teoria Evolutiva. Com o uso de um site, as condições do ambiente são selecionadas e com o passar do tempo a população em questão pode sofrer aumento, diminuição ou estabilização no número de indivíduos. Os alunos puderam participar criando diversas condições e hipóteses.

Depois dessa atividade, tratamos sobre a evolução humana, outro assunto que gera muitas confusões, as quais foram esclarecidas e ao fim eles puderam compreender o porquê o homem não veio do macaco, com auxílio de memes e outras imagens ilustrativas.

Imagem 2: Ferramenta utilizada para ilustrar a Seleção Natural - https://phet.colorado.edu/pt_BR/simulations/natural-selection



- Aula para resolução de exercícios

Muitas vezes, no decorrer das aulas não se tem o tempo necessário para a resolução de exercícios mais complexos, desse modo, o grupo de Biologia se organizou para além das monitorias de tirar dúvidas individuais ou em grupo, uma vez por semana, a cada 15 dias realizar e resolver alguns exercícios das listas que são enviadas semanalmente.

É importante esse tipo de aula para que os alunos tenham contato com a forma com que o conteúdo é cobrado, a linguagem da prova e como pode ser resolvida, é na hora da resolução que surgem as dúvidas.

- Uso de ferramentas digitais

Um das formas de tentar lidar e contornar um pouco dessa distância entre aluno e professor se dá através do uso de ferramentas digitais, começando com a elaboração dos slides, por meio do Canva para as aulas, procurando que eles fiquem agradáveis e atrativos para os alunos, que chamem a atenção sem dispersar, dizem que o slide é um recurso para aquele que o está apresentando, mas com tempo percebi que ele também é para aquele que assiste, dessa forma todo o momento da elaboração também é pensado como será recebido pelos alunos. Os quais dão retorno e sugestões, de modo geral, tem sido positivo.

Muitas das imagens e textos costumam ser autoexplicativos, contendo dicas de estudos, resumo da aula, trazendo significados de conceitos bem esclarecidos, desse modo, esse recurso acaba sendo um material de apoio da aula, o qual os alunos possuem o acesso através do link disponibilizado no início da aula no *chat*, no *Drive* e no Google Sala de Aula, ao fim da aula.

Além disso, procuramos vídeos, animações, figuras que complementam não só as aulas, mas fora delas, em alguns momentos há sugestões de leituras e vídeos ao fim da aula ou durante a semana são postados como um extra, para aqueles que tiverem curiosidade e interesse em aprofundar algum dos assuntos.

Imagem 3: Slides ilustrativos



Elaborados pela autora.

Outro recurso recorrente é a utilização de memes da internet, usados para a divulgação do tema da aula e depois entra na discussão e explicação. Isso tem se mostrado importante para aguçar a curiosidade em participar da aula e como uma forma de aproximar o conteúdo desses vestibulandos, ajustando a linguagem em um primeiro momento, para mais tarde poder aprofundar com os conteúdos.

Imagem 4: uso de memes para o encerramento da aula de evolução humana.



Elaborados pela autora.

- **Atividade Síncrona**

Dentro desse contexto, há ferramentas de interação síncrona. Trago o exemplo de uma conhecida como *Mentimeter*, ao fim da aula de Relações Ecológicas, passei um link para os alunos acessarem e responderem algumas perguntas (como na imagem a seguir), o bacana é que elas aparecem na hora e não precisa de identificação pessoal. É uma boa ferramenta para que os alunos mais tímidos também interajam e participem, uma forma de avaliação e devolutiva da aula para o professor.

Imagem 5: Atividade síncrona no Mentimeter.



Elaborada pela autora.

Depois dessas aulas e atividades relatadas, percebo que o olhar para a Biologia tem mudado, os estudantes conseguem trazer dúvidas e observações do cotidiano ou de outras disciplinas para as nossas aulas, o que contribui cada vez mais para essa troca e conexão de conhecimentos.

Para finalizar o relato, gostaria de ressaltar o constante aprendizado que é ser professor, muitas vezes buscamos estar ao máximo preparados mas os alunos nos surpreendem, trazendo

comentários e outros tipos de questionamentos, ou ainda, aprender com outros professores sejam da área que atuamos ou não, por isso ressalto a importância de compartilhar e trocar experiências, conhecimentos, recursos e dicas, isso tenho sentido nesse ambiente, onde todos estão no mesmo barco se ajudando e pensando no que é melhor para esses estudantes cheios de sonhos.

Chegando até aqui, já se foram mais de seis meses de PREVEC, minhas inseguranças não desapareceram, mas com a ação de ter deixado elas de lado e iniciado no Projeto, elas têm se enfraquecido e tenho aprendido a lidar melhor com elas e com os desafios que aparecem ao decorrer dos meses que me encontro aqui. Os quais perdem força quando vemos resultados, participação e interesse desses alunos empenhados, alunos que talvez eu nunca conheça, mas que de certa forma eu pude contribuir um pouco para eles, assim como eles contribuem para a minha formação.

7

HISTÓRIA NO PREVEC: EXPERIÊNCIAS VOLTADAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NO CURSINHO PRÉ-VESTIBULAR DA UFPR

*Vanderson Wiliam Ribeiro Silva*¹

As seguintes páginas são um relato de experiência como professor no Cursinho Comunitário de Pré-Vestibular da UFPR (PREVEC). Assim, posso começar o presente texto com a seguinte questão: O que é ser professor? Creio que essa questão permeia a minha graduação desde 2018² e ainda está presente nas noites de segundas feiras e terças que vou junto com a minha amiga Tanice Fuhr de Marechal Cândido Rondon-PR para a cidade de Palotina-PR onde está o Prevec. Acho que para responder de uma forma simples e rápida, talvez o “ser professor” é pensar e repensar as ações realizadas tanto no âmbito da sala de aula, quanto fora desse espaço (no momento do planejamento por exemplo). Mas, obviamente ainda existem bastante aspectos e experiências que envolvem esse processo e buscarei abarcar alguns desses.

Primeiros passos no Prevec

A minha primeira experiência com o Prevec foi durante a disciplina de Metodologia de Ensino e Prática de História III, no qual realizei meu estágio³ como componente do Curso de História-

¹ Graduação (2018-2022) em História, ingresso no Mestrado em História na linha de Trabalho e Movimentos Sociais desde agosto de 2022.

² Ano que entrei no curso de graduação de História – Licenciatura da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste).

³ O estágio propriamente dito foi realizado no dia 2 de fevereiro, porém compreendo que esse “momento” do estágio também envolve o planejamento. Por conta disso, posso contar que desde dezembro de 2021 já estava lendo, planejando e estudando para a realização da aula.

Licenciatura da UNIOESTE. Esse contato ocorreu de forma remota por conta da situação excepcional da pandemia de covid-19 em fevereiro de 2022. Essa forma consistia em uma transmissão ao vivo, no qual eu ministrei a aula enquanto outras pessoas assistiam de forma síncrona, ou posteriormente utilizando a aula gravada, sendo o procedimento transmitido na plataforma do Youtube pelo StreamYard.

Nesse instante, foi realizado a exposição de conteúdos históricos por meio de slides produzidos anteriormente, bem como questões de provas para auxiliar os alunos do Prevec para a realização de vestibulares, como o vestibular da UFPR. Assim, ministrei uma aula de cerca de três, havendo como temática a “Primeira República” (1889-1930), discutindo algumas questões pertinentes para a atualidade. Essa temática é bastante abrangente, então busquei me focar em questões envoltas na construção da cidadania, do “voto de cabresto”, do racismo estrutural e das experiências dos trabalhadores operários.

Essa experiência envolveu uma amálgama de emoções, sejam elas positivas ou negativas. Posso destacar dois momentos que foram interessantes para pensar aspectos da prática e docência e que foram “legais” durante essa aula. O primeiro momento tratou-se da participação dos alunos “em sala de aula”. Apesar do ensino remoto (no qual não era possível os ouvintes/estudantes utilizarem microfone e ou a câmera) muitos alunos participaram, realizando questões e ponderações sobre o assunto estudado, sendo um aspecto que permitiu o maior aprofundamento em algumas problemáticas ao longo da aula.

O segundo momento envolveu o objetivo de propor uma atividade didática e interativa, no qual perguntei aos estudantes o que significava o conceito de “Cidadania”. Assim, expus que a palavra e seu significado surgiram na Idade Antiga, abordando também que esse conceito é muito amplo, tendo dessa forma significados diversos. Propicieei aos alunos um

tempo para as respostas, porém deixei uma explicação dessa palavra no slide, com a finalidade de proporcionar maior entendimento após a aula, no momento de estudar para os vestibulares. Desse modo, pensando atualmente, posso realizar uma autocrítica acerca dessa experiência. Com relação a isso, compreendo que teria sido mais interessante no âmbito didático, explicativo e interativo, se eu buscasse realizar mais questões norteadoras, como a questão da cidadania.

Junto a esse aspecto, compreendo que promover discussão a partir das análises de imagens (fotografias e charges) e dos romances históricos que proporcionaram uma perspectiva histórica para pensar as diversas fontes que o professor pesquisador pode utilizar no momento da aula. Assim, por exemplo, a utilização da charge “Voto de Cabresto” (1927) permitiu tanto uma aula mais interessante e mais problemática acerca da temática. Dessa forma, compreendo que essas linguagens (fontes) foram fundamentais para incitar discussões pontuais no passado, mas se atentando às questões do presente como, por exemplo, os recentes ataques à democracia e ao voto, ou as atuais condições de trabalho no Brasil.

Creio que alguns aspectos naturais, como o nervosismo atrapalharam um pouco a aula, ocasionando em falas muito rápidas e que me fizeram terminar os assuntos antes do tempo. Ainda tenho essas sensações durante as aulas do Prevec (o nervosismo, o famoso “branco”), mas consigo lidar com isso melhor, sendo um aspecto que envolve a construção da experiência e do aprendizado.

Desse modo, acerca da experiência de fevereiro de 2022, é possível concluir que essas três horas, bem como o outro estágio que realizei no ano de 2021 foram pequenos vislumbres do que seria a ação de “ser docente”, sendo algo “legal” dentro do meu curso de graduação. Compreendo que foi tão divertido que posteriormente (e por influência

de outra pessoa) ingressei no corpo de professores voluntários do Prevec, experiência que mencionei logo no início do presente texto e que agora irei explorar mais.

De abril até os dias de hoje

O primeiro momento de ingresso do Prevec, em abril de 2022, eu sinceramente morri de medo de “enfrentar” essa experiência, partindo do pressuposto que a minha turma da graduação nunca havia ministrado aulas presenciais (como creio que mencionei acima). Nesse sentido, na primeira experiência em sala, eu e a Tanice Fuhr ministramos uma temática voltada para a História do Mundo Antigo (Primeiras Civilizações: Grécia e Roma Antiga). Essa aula envolveu uma certa dose de nervosismo partindo do pressuposto que nós não conhecíamos a turma e nunca tínhamos estado no prédio da UFPR em Palotina.

Nossa primeira aula foi totalmente expositiva, ocorrendo algumas coisas complicadas nesse dia. As coisas complicadas envolveram aspectos técnicos da sala do Prevec, algo que não prevíamos, mas que deu tudo certo ao final disso. Como foi a primeira vez da aula, houve também bastante estranhamento entre nós (eu e a Tanice) e os alunos, algo que se demonstrou palpável a partir do momento que houve muita pouca participação dos estudantes.

Desse modo, o fato de ambas as aulas naquela noite⁴ terem sido expositivas também influenciou a falta de participação dos alunos, sendo algo maçante para os alunos e para mim. Assim, creio que é um “mecanismo de defesa” o professor realizar aulas totalmente

⁴ Menciono esse aspecto, pois nas primeiras aulas eu e a Tanice íamos para o Prevec de Palotina-PR às 19:00 para voltar às 20:40, ou seja, tendo duas horas aulas (50 minutos) para trabalhar os conteúdos de História.

expositivas para evitar a participação do aluno para que a “tranquilidade” da aula não seja abalada, algo que eu e a Tanice não conseguimos romper nem no primeiro encontro nem no segundo.

Enquanto isso, me lembro que ao final da aula, um estudante nos perguntou o porquê de nós não termos utilizado os livros do Percy Jackson para trabalhar História Antiga. Eu sinceramente não havia pensado isso, ainda mais pelo fato de gostar das histórias mitológicas desse herói fictício. Assim, nesse instante tentei repensar o “dar aula” para dialogar com aspectos das vivências dos estudantes, algo que poderia proporcionar a maior significação, o aprendizado e o engajamento dos alunos em sala.

Já no nosso segundo encontro as coisas ocorreram de forma um pouco diferente. Nessa aula, eu senti que estava “pronto” que se havia dado certo na primeira aula na segunda também daria como se houvesse uma fórmula para acertar tudo. Obviamente, não foi o que ocorreu. Eu ministrei a aula sobre Antiguidade Tardia, pensando nas questões que o estudante havia trazido para mim e buscando trazer fontes para análise como gibis e jogos de RPG. Nesse sentido, as aulas não deram certo porque novamente houve muita exposição e pouca interação entre nós (eu e a Tanice) e os alunos.

Mas nesse dia houve uma diferença. Mara, a coordenadora do Prevec nos pediu para levar alguns jogos do PIBID⁵ de História, pois houve a falta de um professor no horário seguinte ao nosso a partir das 21:00. Nesse sentido, levamos um jogo de questões sobre a temática do Renascimento Cultural europeu⁶, sendo algo que divertiu e ensinou muitos aspectos interessantes para os alunos. Quando pedimos o

⁵ Um programa de iniciação à docência, que visa a realização de apresentações e a realização de jogos didáticos voltados para o ensino.

⁶ Escolhemos esse jogo pois essa seria a temática da aula seguinte.

“feedback” para os estudantes, estes disseram que foi bastante elucidativo e legal.

Desse modo, a partir dessa experiência pensamos em formas do ensino mais dinâmicas, voltadas para o diálogo, para a problematização, mas que também ensinassem os estudantes no momento do vestibular. Esse aspecto nos fez “testar” algumas abordagens, sendo algumas mais interessantes que outras, por exemplo a aula seguinte a mencionada acima.

Na terceira aula buscamos inverter um pouco a lógica de ensino, realizando uma breve exposição de cerca de 20 minutos sobre a temática da Idade Moderna de forma bastante genérica e posteriormente solicitando que os alunos respondessem questões de vestibulares previamente selecionadas⁷ em grupos. Assim, além dos estudantes encontrarem a resposta correta, esses necessitavam de justificar o porquê de a selecionada estar certa e o porquê das outras estarem erradas. Além disso, eu e a Tanice fornecemos auxílio e tiramos algumas dúvidas de assuntos, deixando que os alunos a “parte investigativa” para os alunos. Pensamos que seria mais interessante para os estudantes construírem seus próprios entendimentos sobre a temática estudada, lembrando que o Prevec não é um cursinho pré-vestibular como os outros e tem como principais objetivos os destacados por Paulo Freire acerca de uma educação libertadora. Sendo assim, solicitamos para os alunos, a entrega das folhas de respostas no máximo até a outra aula para a realização do debate em sala.

Assim, na nossa quarta aula, voltamos para as questões, pedindo para que os estudantes realizassem um círculo na sala para ser mais

⁷ Que tratavam de temáticas variadas da Idade Moderna, como: Absolutismo, reformas protestantes, iluminismo, transição do feudalismo para a sociedade do Antigo Regime, bem como outros assuntos.

fácil a realização de um debate conjunto. Nesse sentido, senti que os alunos não gostaram muito da remoção das cadeiras, possivelmente por uma questão de costume. Porém, nesse dia, nos debruçamos sobre as questões, junto com os alunos, realizando várias ponderações e comentários, havendo também algumas participações dos estudantes.

Desse modo, para tratar a temática do iluminismo, trouxemos a frase icônica de Jean Jacque Rousseau “O Homem nasce bom e a sociedade o corrompe” e a frase de Thomas Hobbes “O Homem é o lobo do Homem”. Explicamos o contexto histórico de ambos os pensadores a partir dessa frase e perguntamos para os estudantes se estes já haviam ouvido falar dessas narrativas. Assim, alguns disseram que “sim” e de forma instintiva perguntei para uma aluna o que ela achava das frases. Essa estudante conseguiu relacionar ambas as frases demonstrando que havia entendido os ideais, algo que me deixou muito contente com relação aos aspectos abordados em sala.

Dando seguimento, ao longo da aula também trouxemos discussões sobre as Revoluções Inglesa e Francesa. Mas, como nada ocorre de forma perfeita sempre, aconteceu um problema técnico próximo do final da aula, revelando um aspecto importante a se pensar. Ao fim da aula o datashow desligou, não transmitindo os slides. Assim, a questão a se pensar primeiramente é o quão dependemos tanto de tecnologia, principalmente posteriormente ao contexto da pandemia.

Pensei nesse aspecto, pois quando não consegui utilizar os slides que tinha preparado, me perdi e não consegui “criar” uma linha de raciocínio fixa com relação ao assunto da Revolução Francesa, algo que estava ministrando no momento. Creio que esse aspecto está relacionado com a pandemia, partindo do pressuposto que nos acomodamos a utilizar slides e informações a partir da transmissão, sendo como exemplo o caso dos meus dois estágios de regência da graduação.

Porém, em compensação, na quinta e última aula sobre a temática da Idade Moderna, compensei esse aspecto, utilizando os slides, agora funcionando e trazendo alguns pontos para a lousa, sendo uma prática, que tanto eu quanto a Tanice estamos adotando com mais frequência. Nessa quinta aula, tratamos sobre a temática da Revoluções Inglesa, Francesa e Industrial, sendo um pouco expositiva, mas contando com a participação dos alunos.

Nesse encontro, algumas coisas muito interessantes ocorreram. Eu e a Tanice pensamos em realizar uma atividade com os alunos para visitar a Casa Gaza (atual Pizzaria Barão Bunker) na cidade de Marechal Cândido Rondon e conversamos com eles para esse passeio fosse realizado após a aula de História da Guerras Mundiais, buscando relacionar a vivência com o aprendizado “fora da sala de aula”. Desse modo, aparentemente essa atividade não dará certo, mas para compensar isso, pensamos em levar os estudantes no Núcleo de Pesquisa e Documentação sobre o Oeste do Paraná (CEPEDAL) na Uniãoeste no começo do mês de setembro em uma atividade multidisciplinar entre a História e a Geografia, buscando abarcar fotografias que se encontram no acervo do Cepedal para tratar os aspectos da colonização da região do Oeste do Paraná.

Assim, outro aspecto interessante, foi o fato de eu ter ministrado uma aula remota de História do Prevec no lugar do meu colega que estava impossibilitado no dia. Nessa aula, tratei sobre um assunto que adoro, sendo esse a História da América. Gosto desse assunto, principalmente por conta das civilizações “Pré-Colombianas”⁸, as questões que envolvem a colonização e os processos de independência.

⁸ Problematei esse termo com os alunos em sala a partir de algumas leituras que eu realizei para a preparação da aula

Nesse sentido, essa aula foi similar a aula que ministrei no estágio do Prevec.

Assim, tive que recorrer para uma aula bastante expositiva, mas que chamasse a atenção dos alunos, me propondo a abordar imagens, algumas reflexões, bem como indicações de filmes e músicas que demonstraram o assunto, partindo do pressuposto que eu não poderia realmente “rodar” a música por conta do Youtube. Desse modo, para abordar algumas questões, como a independências, selecionei apenas alguns estudos de casos, para o conteúdo não ficar muito maçante, explicando esses aspectos a partir de um processo histórico.

Nesse dia, me lembro muito bem que eu e a Tanice fomos às 19:00 para eu ministrar a aula remota na UFPR para às 20:40 acabar e às 21:00 começar a aula presencial até às 22:40. Nesse sentido, a Tanice assumiu total protagonismo para tratar a temática da Revolução Industrial, também porque eu estava muito cansado nesse dia. Em compensação, na aula seguinte (sétima) eu ministrei o assunto na turma do presencial tratando sobre a História da América. Essa aula foi bastante expositiva, mas o que “salvou” a aula foi um jogo da força online produzido pelo PIBIS do curso de História, sendo elucidativo para abarcar questões específicas da “América Pré-Colombiana”. Porém, a questão da exposição demasiada se deve a um aspecto que penso que permeia a vivência do “ser professor”.

Eu estava terminando de escrever o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na universidade e o prazo também estava acabando, fazendo com que eu não tivesse muito tempo para fletir em outras coisas além disso. Nesse sentido, posso realizar uma avaliação interessante dessa experiência. O “ser professor” também envolve obviamente um sujeito, algo que em alguns momentos é tranquilo e que

em outros é dificultado, pois abarca uma série de responsabilidades e de estresses do cotidiano de vivência.

Desse modo, daqui em diante, vou abarcar uma das últimas experiências que tivemos no Prevec, sendo esse uma aula de História do Brasil Colônia. Nessa aula, buscamos realizar uma estratégia diferenciada, pensando em não repetir a exposição das temáticas, bem como uma história linear e sem problematizações. Assim, para iniciar a aula, levamos um jogo narrativo do PIBID de História, visando a participação dos estudantes, a partir da narração dos acontecimentos. Nessa lógica, o jogo foi muito legal, pois primeiramente os alunos participaram bastante e inclusive ficaram tristes quando a narração acabou⁹.

Após o jogo narrativo, realizamos um pouco de exposição da aula para trabalhar alguns aspectos que foram abarcados com os estudantes ao longo da brincadeira. Nesse sentido, acho interessante mencionar que o “dar aula” em dupla é um aspecto muito interessante, ainda mais quando existe sintonia entre os professores. Esse ponto pode ser bastante palpável em algumas aulas antes, mas nessa última ficou bastante evidente na medida em que enquanto eu colocava algumas questões básicas, a Tanice trazia outras reflexões muito interessantes para problematizar esse período histórico. Assim, ambos trouxemos o que aprendemos na universidade. Assim, aspectos como a “História-Problema” ou como o “professor-pesquisador”, foram focados para destoar de tratar os grandes nomes, os heróis e os líderes políticos, em contrapartida focando-se no processo histórico constituído por uma diversidade de sujeitos.

⁹ Esse fato nos fez refletir e levar outro jogo narrativo em outras aulas.

Buscamos abranger nessa aula diversas temáticas, desde os indígenas, o escravizados, a problematização da figura dos bandeirantes, e os questionamentos sobre o conceito de “ciclo” para definir os processos econômicos do Brasil Colonial. Desse modo, não conseguimos tratar totalmente de todos os aspectos da aula, mas buscaremos abarcar a continuação e o processo de independência. Nesse sentido, focaremos um pouco do tempo na independência do Brasil por conta da comemoração dos duzentos anos da emancipação e os seus diversos sentidos, sendo muito provável que na maioria das provas de vestibulares caia algum assunto relacionado à essa temática.

Considerações Finais

Por fim, nesse espaço realizarei um balanço sobre a minha experiência no Prevec. Assim, volto-me a primeira indagação que realizei no início do presente texto. “O que é ser professor?”, como observei ao longo “dessa jornada” trabalhando no Prevec, esse “ser professor” envolve um processo de avanços e retrocessos no campo da didática, da pesquisa, do falar, enfim do ensinar.

Porém, não envolve apenas isso, esse processo também envolve a “construção” de nós mesmos (professores) no meio social, no meio acadêmico, no meio “escolar”, ou seja, na nossa experiência na construções ao longo do cotidiano. Assim, como uma professora sempre gostava de falar: “que tipo de professor você gostaria de ser?”. Penso que eu gostaria de ser um professor que trata de História-Problema, que não fique preso ao tradicionalismo de recorrer a uma aula sempre expositiva e que consiga ter didática para conseguir ensinar aos alunos.

Desse modo, creio que a experiência de “dar” aula no Prevec pode e fornece esses aspectos, sendo muito importante para essa

constituição. Me lembro diversas vezes de estar cansado por conta da longa rotina acadêmica e chegar em Palotina e ficar relaxado por pensar em “dar” a aula (ainda mais quando a temática é um assunto legal para ministrar, obviamente).

Referências

AZEVEDO, Crislaine Barbosa. Planejamento docente na aula de história: Princípio e procedimentos teóricos-metodológicos. **Revista Metáfora Educacional**, versão online, n.14, pp. 3-28, jun./2013.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou Ofício do Historiador**.

BATALHA, Claudio. **O Movimento Operário na Primeira República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

_____. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1968.

FENENLON, Déa. A Formação do Profissional de História e a Realidade do Ensino. **Revista Tempos Históricos**, Marechal Cândido Rondon-PR, v.12, p.23-35, 1º Semestre de 2008.

FONTANA, Josep. Para que serve o ensino de História. **Revista Tempos Históricos**, Marechal Cândido Rondon-PR, v.24, p.518-526, 1 de dezembro de 2020.

HOBBS, Thomas. **Leviatã, ou Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil**. Porto Alegre: Martin Claret, 2014.

RUSSEUAU, Jean-Jacques. **O Contrato Social**. São Paulo-SP: Editora Lafonte, 2019.

8

REIVENÇÃO E ADAPTAÇÃO DAS TÉCNICAS DOCENTES

Paulo Galeti ¹

A formação docente, dadas as suas condições materiais e psicológicas, são feitas de formas diferentes de profissional para profissional. Logo, muito se vê acerca dos desafios dessa trajetória, visto que infere no exercício da educação. Sendo assim, podemos considerar que os desafios durante a formação é que progridem e auxiliam no desenvolvimento de uma lógica formadora que pode se consolidar com o tempo. Pensando nesse tema, podemos citar algumas experiências como aplicações teóricas em situações práticas que vem se apresentando desde o início da minha formação em 2017. E através da reinvenção dos métodos, podemos sempre dar seguimento a essa empreita que é lecionar.

No decorrer do ano de 2021 diversas surpresas surgiram no meio estudantil. Sejam as dificuldades em sistematizar os conteúdos, ou mesmo o grande dilema de integração da pesquisa científica no seio da sociedade, fazendo a validação das teses e mais teses sociais que a produção acadêmica faz. Mas o grande problema que enfrentamos desde fevereiro de 2020 é a dificuldade de integração e modernização frente uma demanda por adaptação do ensino. O mundo vivencia uma pandemia que progrediu para níveis alarmantes, dificultando assim o contato social para a fundamentação de conhecimentos. E para contornar isso, tivemos que, enquanto docentes, atuar tentando minimizar as disparidades de oportunidades e democratizar o ensino através das mídias digitais. Porém, era vista a dificuldade de lidar com

¹ Licenciado em História na UNIOESTE em 2021; estágio realizado no primeiro semestre de 2021, em parceria da UNIOESTE e PREVEC.

essas novas formas de aprendizado até mesmo pelos alunos que ainda que imersos na era digital, as novas tecnologias se mostram como obstáculos para o aprendizado. E a prática docente também, fazendo-se necessária uma adaptação não apenas na forma que o conteúdo chega até o aluno, mas também uma reinvenção na maneira de assimilação dos conhecimentos pelo aluno.

Durante o período do primeiro semestre de 2021, foi realizada mais uma etapa da prática docente, que mesmo com a relação dificultosa do professor com os alunos, foi uma prática extremamente proveitosa, pois além de cumprir o estágio do processo de formação docente, pude participar da democratização do ensino. Digo dificultosa, pois o contato com o discente é uma das partes fundamentais para o desenvolvimento de um ambiente de ensino válido, e no meio digital, era uma tarefa difícil. Pois, embora imersos nesse meio digital, no qual o fluxo de informações é constante, há uma certa dificuldade na prática docente que se apresentou com clareza quando lidamos com a aplicação dos métodos de ensino tradicionais. Sendo assim, foi necessário a reinvenção da maneira de lecionar e aplicar conteúdos fundamentais, passando por reflexões e incursões nas redes. Contudo, a docência vai além, vencendo os obstáculos, e ainda podendo refletir sobre a grande utilidade dos meios digitais. Compreendendo que

os usos das tecnologias em sala de aula têm como papel fundamental, potencializar a aprendizagem dos discentes, promovendo uma maior interação entre alunos, professores e a produção do conhecimento. Além disso, é imprescindível que os envolvidos no processo educacional tenham em mente que as ferramentas tecnológicas são meios metodológicos para processo de ensino-aprendizagem, proporcionando a melhor assimilação e apreensão dos conteúdos (ARAUJO & VECATTO, 2020, p.162)

Ainda que de forma inevitável as tecnologias têm entrado na vida dos alunos e dos professores, tomamos por ponto de partida que o

ensino deve superar obstáculos como a desinformação das redes², e a desqualificação docente. Entendendo isso, precisamos ter cuidado ao lidar com a prática docente em um meio nos quais todos os conhecimentos vão criando um fluxo constante e imediato. Alunos que são *nativos digitais*³ e que estão acostumados com o fluxo constante de informações, que na maioria das vezes se constituem em informações rasas e carregadas de princípios ideológicos e pouco conhecimento. Logo, acostumados com a gama de informações em rápido tempo, são desmotivados e até mesmo entram em um processo de falta de crédito a opinião docente.

Entretanto, somos nós, docentes, responsáveis por reinventar o processo de ensino como um campo rico, fluído e de muito conhecimento. Pois, embora nossos métodos não sejam atualmente os mais adequados para enquadrar o ensino remoto dentro de um padrão agradável, diversas instituições têm se dedicado a reinvenção das metodologias, como é o caso da integração de mídias digitais, como o caso do Laboratório de História e ensino – LEH⁴ da UNIOESTE Logo, podemos refletir que

quando conteúdos “velhos” são tratados com ferramentas novas, com uma linguagem acessível e elementos que fazem parte da cultura juvenil, temos aí o “frescor” do conhecimento, o cheiro do novo no ambiente escolar que pode fazer a diferença no desenvolvimento das aulas e proporcionar aos

² Consideramos desinformação, baseado na ideia de Era da desinformação, que ficou mais conhecido no Brasil durante o período da pandemia, em que uma série de notícias falsas foram disseminadas. Isso desmoraliza o processo de ensino, levando os discentes a dúvida das informações e desqualificação do docente. Disponível em: <https://infobase.com.br/infografico-era-da-desinformacao-novo-ambiente-das-fake-news/>, <https://grupoahora.net.br/conteudos/2020/05/21/ja-estamos-na-era-da-desinformacao-diz-doutora-em-comunicacao/>

³ No artigo de ARAUJO & VECATTO com o título “Educação e Tecnologias: O uso de mídias no ensino de história” citam CAMPOS & GIRAFFA que inserem o termo “Nativos digitais”. Os quais descrevem como pessoas que nasceram imersas nesse mundo digital, que já tiveram conteúdos baseados na internet ou mesmo que de certa forma são discentes com acesso direto à internet.

⁴ <https://www.youtube.com/curtahistoria>

alunos um aprendizado que vai além dos livros didáticos, contribuindo para a constituição de um sujeito crítico em relação ao meio social em que vive e autônomo para a produção do conhecimento. (ARAUJO & VECATTO, 2020, p. 166)

Ainda que tratemos o ensino remoto nesse período como uma alternativa sobressalente, temos sempre que refletir sobre sua utilidade e problemática já que se trata de um processo inevitável. Porém, temos que lidar com seus problemas de ordem estrutural, a desigualdade que se mostra tão visível nítidas no período de pandemia que acarretou um aumento para cerca de 61 milhões de pessoas na pobreza⁵, ou mesmo a falta de investimentos referentes aos discentes e docentes. Logo, o grande número de pessoas em situação de pobreza cria um agravante ao ensino que de certa forma não conseguirá ser abrangente o suficiente para compensar essa grande desigualdade. Entretanto, como conciliar a prática docente e a chamada educação democrática em um período delicado como o da pandemia? Ou melhor, como ensinar com qualidade nesse período?

Pensando essas questões, o planejamento das aulas lecionadas no dia 07/04/2021 foi construído diretamente relacionando a prática docente, e a assimilação de conteúdo, no sentido de utilizar informações e conteúdos antigos e adaptando para um meio digital. Direcionando a argumentação histórica com a visão mais integrada aos modelos digitais, que por sua vez, foi de grande importância para a construção da minha prática docente.

A revolução Russa, tema utilizado para a aula, foi assimilado com a perspectiva de integração nos meios e com a utilização de recursos diretamente ligados a esse processo de uso das tecnologias, como slides projetados dentro do programa de transmissão, discussões voltadas a

⁵ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56843399>

uma apropriação de conteúdos e reflexão sobre as desigualdades apresentadas no tema. Entretanto, a perspectiva de integração digital foi utilizada para complementar como alternativa metodológica, visto que os discentes dispunham de equipamentos também para assistirem as aulas. Logo, compreendemos que a motivação pelo aprendizado partia principalmente dos alunos que se encontravam desenvolvendo conteúdos e disciplinas voltadas para o vestibular. Sendo assim, foram receptivos e conseguimos contornar o principal problema apresentado muitas vezes dentro de sala: a motivação.

O local da ministração das aulas foi no espaço digital. Não necessariamente o melhor local, pois acredito que a educação como forma de construção, vem através dos conflitos e contatos que o indivíduo tem com o meio. Sendo assim, através do programa PREVEC que tive a oportunidade de, enquanto docente, organizar e lecionar com um sentido: o de democratizar o ensino. Pensando em uma perspectiva histórica,

A escola que conhecemos e pela qual passamos resulta de um processo histórico em que a burguesia, ainda como classe em construção, lutava para afirmar seu projeto societário em confronto com o modo de produção feudal. Um processo que durou seis séculos e cujo projeto se tornou vitorioso no século 18. (VENDRAMINI & MACHADO, 2011, p.7)

Sendo assim, a democratização do ensino tornou-se um princípio pessoal visto a situação de um desenvolvimento elitista brasileiro. O projeto PREVEC tem o potencial de minimizar esse abismo entre as classes através da educação, sendo o mesmo criado em 2016 com a intenção de atender alunos concluintes do ensino médio que queiram participar do curso para o vestibular. Através do contato entre docentes integrados ao ensino público, e parcerias com cursos de licenciatura, a iniciativa tem como resultado uma aproximação de jovens com o tão

esperado ingresso na universidade, o que de início havia ganhado minha atenção, pois

Embora a escola, no plano discursivo-ideológico, seja apresentada dentro do ideário de liberdade, igualdade e fraternidade - e assim, uma instituição pública, gratuita, universal e laica que tem a função de desenvolver uma nova cultura, integrar as novas gerações no ideário da sociedade moderna e de socializar, de forma sistemática, o conhecimento científico -, desde o início se estrutura de forma dual e desigual. (VENDRAMINI & MACHADO, 2011, p.9)

O processo de planejamento das aulas se deu em duas etapas mais direcionadas, pensando sempre na abordagem digital: na primeira, tentamos integrar aspectos relacionados a luta de classes presente no processo histórico que a Rússia presenciou no século XIX, classificando cada um de acordo com o seu potencial educacional. Na segunda etapa, pensamos nos processos relacionados aos desfechos e organizações que a revolução tinha como um todo, e reflexos no presente, trabalhando com os alunos uma perspectiva de origem das grandes potências são processos que estão relacionados entre si, e tanto o planejamento da aula, quanto a regência foram direcionadas para esse aspecto de divergência da aristocracia e czarismo para com os camponeses, e espelhado e vivido atualmente.

As aulas foram pensadas também visando uma dinâmica que pudesse abordar e dar conta dos conteúdos em 4 horas aulas, logo, uma complementação didática com o uso direto de fontes foi utilizada como método, podendo minimizar a dissolução ou dispersão de temas. Utilizamos uma carta escrita por Lenin que caracterizava criticamente um processo que antecederia a Revolução Russa, o que serviu para ambientar bem os alunos, contextualizando com a construção histórica da Rússia oitocentista. Além disso, a utilização de imagens relacionadas ao contexto social do local foi densamente utilizada, visto que os

processos são distantes geograficamente dos alunos, mas que puderam ser entendidos através da integração do ensino com as mídias. As discussões se deram de forma a aplicar a questões e índices antes pesquisados sobre temas que aparecem nos vestibulares com mais frequência, para que se pudesse além do ensino, direcionar o aprendizado para uma experiência do ensino superior. Isso tudo foi parte integrante da minha trajetória de construção docente. Tanto a visão pensada na educação pública e direcionada para um aprendizado minimizador de desigualdades sociais, quanto a visão de uma vivência docente que mostra a superação de desafios postos na educação. Além de mostrar não apenas uma visão de renovação dos conteúdos e aplicação dentro de sala, mas também uma reflexão sobre a didática em modelos digitais.

A relação passado presente foi abordada de maneira mais direta quando fomos tratar acerca dos impactos que a revolução teve no mundo. Para isso, no planejamento foi proposta a análise de uma notícia⁶ que mostrava o impacto que a revolução russa esteve dando seguimento no processo histórico. Pois, analisando o panorama que a notícia mostrava, temos a experiência de um mundo atual bem polarizado pela geopolítica, o que por sua vez servia de base para análises críticas e da compreensão da gênese do processo e seguimento revolucionário. O que na primeira experiência foi pensado de maneira a ser mais didático presencialmente, abordando fatos relacionados ao presente baseado na memória, nessa experiência pudemos observar a tecnologia agindo ao lado do docente, visto que os alunos foram levados a refletir sobre os impactos diretos da revolução através de uma notícia

⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/03/15/eua-pressionaram-brasil-a-nao-comprar-vacina-russa-contracovid-diz-documento-do-governo-trump.ghtml>

divulgada digitalmente. Os questionamentos levados até os alunos foram aplicados visando a plena reflexão sobre o tema com fontes, o que traz a teoria docente a uma prática vivida.

Nas aulas, vimos uma participação periódica dos alunos através do *chat* da aula, que fora mediado pela professora regente, logo, diferente das experiências passadas no campo de estágio, a integração do diálogo discente-docente foi muito presente, sendo parte emancipatória de um ensino vertical, pautado na perspectiva viva dos conteúdos. Durante a regência foi encarados alguns desafios relacionados a integração do material digital. Desde testes realizados com áudio e vídeo para transmissão para os alunos, até interferências externa que distraiam ou deslocava tanto o docente quanto o discente. Contudo, aos poucos foram sendo resolvidos os problemas em geral. A relação passado presente foi abordada durante a aula com uma pergunta bem direcionada, visando uma abordagem direta do processo histórico e seus desfechos, e obtivemos bons resultados, visto que os alunos interagiram bem a fonte, apresentando visões pessoais e um embasamento ainda que empírico, mas rico em experiências.

Entretanto, uma das coisas que se pode mencionar acerca da análise, é a falta de contato, pois, por mais que os alunos gradualmente estivessem participando da discussão com comentários diversos, tinha-se a visão de que faltava a ambientação de sala de aula, com o contato e as explicações face a face. Retomando a crítica inicial, o ensino é uma visão de conflito seguido de suavização, e a partir disso podemos ter contato com outras experiências e conceitos que gradualmente vão ganhando vida com cada significado.

Contudo, mesmo com pouca interação, os conteúdos foram bem assimilados, de uma forma que se puderam refletir sobre o tema proposto com mais clareza e dedicação. Logo, pude experienciar uma

visão mais pluralizada do processo de ensino, que mostrou que mesmo em condições não muito tranquilas, pudemos contornar através da integração de novas metodologias e de uma abordagem digital. Serviu para a minha formação ao cabo que trouxe ao debate as análises voltadas para a superação de problemas através das redes. Sendo assim, podemos dizer que ser docente é superar esses obstáculos, o PREVEC pôde mostrar que mesmo em tempos de difícil sucesso, ainda podem existir programas que com a integração do sistema público de ensino para minimizar abismos sociais através da educação.

Referências

ARAÚJO & VENCATTO “**Educação e tecnologias: o uso de mídias no ensino de história**”

Ensino de História: Mídias e Tecnologias. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Sobre Ontens/UERJ, 2020. Bueno, André; Neto, José Maria (org.)

SILVA, Amanda Moreira “**DA UBERIZAÇÃO À YOUTUBERIZAÇÃO: a precarização do trabalho docente em tempos de pandemia.**”, Rev. Trabalho, Política e Sociedade, Vol.

5, nº 09, p. 587-610, jul.-dez./2020

VENDRAMINI & MACHADO, “**Escola e movimento social: Experiências em curso no campo brasileiro**”, Ed. Expressão Popular, São Paulo, 2011.

9

DOCÊNCIA NA UNIVERSIDADE: ESTÁGIO OBRIGATÓRIO NO CURSINHO PREVEC¹

Vanessa Nichetti Dogado²

Minha segunda experiência com o estágio obrigatório da universidade ocorreu no cursinho de pré-vestibular comunitário da UFPR – setor Palotina, o PREVEC. Fui orientada pela professora Joselene Ieda Santos Lopes de Carvalho, que também foi a professora regente do PREVEC. Este estágio foi realizado através da disciplina de Metodologia e Prática de ensino em história com estágio supervisionado III, que é coordenada pela professora Carla Nacke Conradi, do curso de História – Licenciatura da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, Campus de Marechal Cândido Rondon. Minha aula ocorreu no dia 07 de fevereiro de 2022, das 15h00 até as 18h00.

Nosso estágio foi realizado de maneira remota por conta da pandemia da Covid-19, não só o estágio foi prejudicado por essa mudança, mas o calendário acadêmico também, isso culminou no desencontro entre as datas de estágio na escola que seria feito presencialmente. Entretanto, com o atraso do calendário acadêmico, iniciamos nosso semestre em novembro, não teria tempo para a resolução dos trâmites burocráticos para que pudéssemos entrar em sala de aula, sendo assim, o realizamos de forma remota no PREVEC.

O cursinho preparatório da UFPR conta com um público muito diverso, muito mais do que o da escola, que de acordo com as turmas, temos uma noção da faixa etária dos alunos e como montar uma aula

¹ Estágio obrigatório realizado como parte do processo de formação para a obtenção do título de licenciatura em história.

² Graduada no curso de Licenciatura em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

baseando-se nesse aspecto também, então como seria possível planejar uma aula que fosse didática, interessante e que chamasse a atenção desses alunos das mais variadas idades? Acredito eu, que esse foi um dos maiores desafios, mas também uma experiência incrível que somente o PREVEC proporcionou.

Para mim, a grande diferença que pude perceber entre a escola e o cursinho, é que muitos dos que estavam presentes, só estavam lá por que realmente queriam, pois o cursinho possibilita que muitas pessoas cheguem até a universidade através dele, dito isso, eu tinha uma missão, minha aula teria que ser a melhor que eu já poderia ter feito, pois não se tratava apenas de um processo pelo qual eu tenho que passar, mas sim do sonho de muitas pessoas.

Ainda que existam universidades públicas, o acesso a elas é elitizado, muitas pessoas não tem condições de pagar por um curso preparatório, por esse motivo tenho toda a certeza quando digo que o cursinho preparatório PREVEC é um ato político, e ressignificou o curso de História e à docência para mim.

O tema de minha regência foi “Racismo Estrutural” e como tivemos a liberdade de definir o recorte temporal e escolher quais assuntos trabalhar dentro do tema, decidi trilhar um caminho de assuntos com os quais me sentisse segura para fazer reflexões e aprofundar, mas também que fosse possível fazer relações passado-presente, de modo que a minha aula tivesse um significado para os alunos que estavam presentes.

Minha principal fonte foi o livro “Racismo Estrutural” do Silvio de Almeida³, utilizei esse material para montar a aula, ele foi minha base, também coloquei trechos do livro nos slides, foi uma leitura muito

³ Silvio Luiz de Almeida é um advogado, filósofo e professor universitário.

esclarecedora, que me auxiliou muito no planejamento e na regência, para além desse livro, utilizei também um artigo da Lélia Gonzalez⁴, “Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira” e, o Livro do Gilberto Freyre⁵, “Casa grande e senzala”.

Além de terem sido indicação da minha orientadora, a escolha de usar essas fontes também foram minha, não somente por serem importantes para a história e didáticas, mas principalmente por que falam de temas que são muito atuais e presentes na nossa sociedade, tanto o livro do Silvio, quanto o artigo da Lélia, tem abordagens que são indispensáveis para tratar sobre racismo estrutural, sem mencionar que são escritos por pessoas negras, trazendo a perspectiva delas sobre o racismo, entendendo que seria totalmente incoerente falar sobre esse tema apenas usando fontes escritas por pessoas brancas.

Logo após a escolha das fontes, comecei a pensar quais seriam os assuntos dentro do tema elegido para a minha aula, eu não queria falar de racismo e somente relacioná-lo com a escravidão, claro que a escravidão tem um peso nisso e é importante fazer essas relações passado-presente, mas não é só essa relação que é possível fazer dentro desse tema. Então procurei traçar um caminho que fosse possível realizar essas relações, mas também que falasse e abordasse assuntos atuais, assuntos que estivessem em alta, pois assim os alunos conseguiriam compreender a aula, fazendo essa conexão com a realidade social e a vivência deles.

Nesse caminho, além de ter como base as fontes que citei acima, procurei colocar outras matérias para analisar com a turma, foram

⁴ Lélia Gonzalez foi uma intelectual, autora, política, professora, filósofa e antropóloga brasileira.

⁵ Gilberto de Mello Freyre é considerado um dos mais importantes sociólogos do século XX.

esses, tirinhas do Leandro Assis⁶, que falaram sobre alguns temas importantes para a aula, como por exemplo, o mito da democracia racial, meritocracia, escravidão moderna e as diferenças entre o cotidiano de uma família branca e uma família negra, encontrei todas elas no Instagram de Leandro, são tirinhas curtas mas totalmente impactantes, parece que foram feitas para a minha aula, pela maneira das quais o conteúdo delas pôde ser facilmente relacionado com o conteúdo da minha aula.

Ademais dessas tirinhas, procurei relacionar os acontecimentos do BBB21 e 22⁷ e com o racismo, explicando por que aquelas eram situações e atitudes racistas, aproveitei que o *reality* tinha começado há poucas semanas e só se falava nisso nas redes sociais, com toda certeza os alunos tinham, conhecimento disso, o que eu fiz foi apenas guiar o olhar deles para conseguirem enxergar o racismo presente ali dentro, tornando a compreensão da aula muito mais interessante e mais fácil.

Por fim, usei também alguns vídeos do *Tik Tok*, que tocavam em temas específicos dos quais escolhi trabalhar, irei falar detalhadamente de cada um no decorrer deste texto. Sendo uma rede social muito popular entre os jovens e os adultos, não poderia deixar de usar isso como uma ferramenta para o ensino.

Enquanto professora em formação, é extremamente necessário que busquemos ao máximo estar atualizados com a mídia social, por que os nossos alunos com certeza estão, usar isso ao nosso favor pode mudar a visão que os alunos tem da disciplina de História. Por que eles deveriam estudar algo que ocorreu há tanto tempo e que não tem

⁶ Leandro Assis é um roteirista e quadrinista.

⁷ Big Brother Brasil é um reality show onde os competidores ficam confinados em uma casa cenográfica, sendo vigiados por câmeras 24 horas por dia, não podendo se comunicar com seus parentes e amigos, ler jornais ou usar de qualquer outro meio para obter informações externas.

nenhuma conexão com o presente ou com a vida deles? É nosso dever mudar a fama que a disciplina de História tem, como sendo algo obsoleto. Todo dia vivemos história e fazemos história, temos que mostrar isso aos alunos da forma mais didática e acessível, não adianta planejar a aula perfeita, se ela só é perfeita para você, ela tem que fazer sentido para o outro também. O processo de ensino e aprendizagem não tem nexos se os alunos não aprendem.

Existe um filme muito interessante que nos revela muito sobre o processo de ensino e aprendizagem, *Escritores da Liberdade*⁸, esse filme conta a história de uma professora que vai lecionar em um colégio localizado em um bairro periférico, em uma turma que não estuda. Sendo um processo difícil de lidar essa professora precisa descobrir como ressignificar a experiência da educação para essa turma, como fazer com que eles se interessem pela aula. Nessa jornada ela busca elementos da vida deles e traz para a sala de aula, tornando assim aquela aula um pouco mais atraente para a turma.

Veja, o que quero dizer ao mencionar esse filme, é que ainda que os professores tiveram uma trajetória de estudo para entrarem na sala de aula, é necessário que estejam abertos a novas experiências, a novos aprendizados, e, principalmente, que ouçam seus alunos e deixem de lado a posição de poder que ocupam, ainda que ela ocorra sem que o professor perceba, a relação professor e aluno é algo crucial que pode contribuir ou prejudicar no processo de ensino e aprendizagem dele.

Tendo dito tudo isso, início de fato, o meu relato do estágio, como mencionado anteriormente, nesse estágio tivemos a liberdade de escolher os assuntos e o recorte temporal que desejássemos para

⁸ O filme *Escritores da Liberdade* foi produzido em 2006 e conta a história de uma professora que tem que lidar com muitas adversidades ao dar aula para uma turma difícil.

trabalhar com a turma, por esse motivo, estava muito ansiosa e com uma expectativa bem grande para a minha aula com o cursinho preparatório, essa liberdade possibilitou uma segurança para mim, logo, estava contando os minutos para iniciar a aula.

Após me apresentar para a turma, falei um pouco sobre o estágio obrigatório e as razões que nos levaram a realizá-lo no cursinho, depois desse momento inicial, eu trouxe duas leis, que dizem respeito ao ensino da história e cultura dos povos africanos e afro-brasileiros, de modo a demonstrar a importância da aula que eles teriam naquele momento, pois além de serem temas superimportantes, sempre caem questões relacionadas a isso nos vestibulares e no ENEM.

Feito isso, comecei a aula, perguntando para os alunos se eles sabiam o que significa racismo estrutural e qual a diferença entre racismo, preconceito e discriminação racial, em todos os momentos, busquei trazer exemplos para que o entendimento ficasse mais claro para a turma. Mesmo sendo um tema que em um primeiro momento parece ser difícil, os materiais com os quais trabalhei foram super didáticos e acessíveis, até indiquei as leituras para a turma, caso eles se interessassem pela temática.

Seguindo com a aula, depois de ter apontado as diferenças entre discriminação, preconceito e racismo, usei uma citação do livro “Racismo Estrutural” do Silvio Almeida, na qual ele explica que o racismo por si só é estrutural, pois faz parte da nossa sociedade, que foi moldada acreditando que as pessoas negras eram inferiores as brancas, logo, elas poderiam sofrer todo tipo de dor já que estavam em uma posição de pouca relevância.

Pelo contrário: entender que o racismo é estrutural, e não um ato isolado de um indivíduo ou de um grupo, nos torna ainda mais responsáveis pelo combate ao racismo e aos racistas. Consciente de que o racismo é parte da

estrutura social e, por isso, não necessita de intenção para se manifestar, por mais que calar-se diante do racismo não faça do indivíduo moral e/ou juridicamente culpado ou responsável, certamente o silêncio o torna ética e politicamente responsável pela manutenção do racismo. (ALMEIDA, 2019, p. 41-42)

Com essa citação, é possível perceber que o racismo é parte da estrutura da sociedade, uma das razões pelas quais ele é denominado dessa maneira. Ao trazer esse trecho, quis demonstrar exatamente isso para meus alunos, que o racismo é parte de nossa sociedade, por que a partir daí, pude relacionar com o tema da escravidão, estabelecendo esse paralelo entre o racismo e a escravidão a fim de apontar os motivos pelos quais levaram o racismo a se tornar algo tão comum e cotidiano da sociedade.

De maneira breve, expliquei essa relação da escravidão com o racismo, utilizei algumas pinturas de Jean-Baptiste Debret⁹ para demonstrar como o negro sempre foi retratado em posição inferior ao branco e, como isso se perpetuou ao longo do tempo até os dias de hoje, sendo algo muito enraizado na sociedade, que é difícil de se combater, mas que não devemos perder as esperanças.

Seguindo com a aula, trouxe dois vídeos da plataforma *Tik Tok*, que falam sobre casos de escravidão moderna, se questionando se de fato, a escravidão acabou ou apenas se adaptou a atualidade. Optei por trazer esses vídeos, pois a rede social em questão é muito utilizada pelos jovens, meu intuito era o de aproximar o aluno com o tema da aula, além de demonstrar que o *Tik Tok* também pode ser usado como uma ferramenta de aprendizado.

⁹ Jean-Baptiste Debret foi um pintor, desenhista e professor francês.

O assunto que se seguiu após os vídeos, foi o da democracia racial¹⁰, o qual utilizei a tese defendida por Gilberto Freyre sobre o assunto, tentei ao máximo ser didática, pois se tratando de um livro e um autor que tem uma linguagem mais complexa, ficaria muito difícil manter-se atento na aula, expliquei de forma breve o que é a democracia racial e elenquei os motivos pelos quais fazem com que essa tese seja um mito.

Ainda que essa tese que Gilberto Freyre defendeu seja algo possível e necessário de se criticar, é muito importante ter a noção de que na época em que ele escreveu Casa Grande e Senzala, pelo fato de ter um capítulo para o indígena e para o negro, explicando a contribuição que eles tiveram na formação da sociedade brasileira foi algo inovador.

Após esse momento, contrapus a tese de Freyre com o artigo de Gonzalez, apontando principalmente os motivos que levaram a aceitação desse mito, mas também identificando como a mulher negra aparece dentro desse discurso, pois dentro da sociedade racista, ela é quem mais sofre com a sistematização do ódio aos negros.

O que mais me chamou a atenção no artigo, é justamente essa explicação que Gonzalez nos diz, apontando que o mito ainda é aceito e difundido pois existe uma identificação do dominado com o dominador, e isso ocorre quando pessoas brancas lutam pelas causas negras, dão voz, mas em nenhum momento lutam ao lado das pessoas negras, sendo elas apenas o pano de fundo nesse cenário.

Dentro dessa temática, do mito da democracia racial, toquei alguns outros temas, como a questão sobre meritocracia, que tinham relação com o assunto, o mito nos diz que tanto os brancos, quanto os negros e os indígenas tiveram a mesma contribuição para a formação da sociedade brasileira, dessa maneira todos são iguais, eliminando

¹⁰ Democracia racial é um conceito que nega a existência de racismo no Brasil.

qualquer tipo de preconceito com a miscigenação, pois seríamos frutos dessa mistura, qual o motivo então de haver diferenças entre nós, se, acima de tudo, somos brasileiros?

A meritocracia diz que todos temos a mesma chance de vencer na vida, só basta querer, ter força de vontade, na prática a teoria é outra, já que sabemos a diferença abismal entre brancos e negros, para demonstrar isso, usei uma tirinha do Leandro de Assis, que é simplesmente fantástica para explicar o conceito de meritocracia e também para fortalecer o entendimento dos alunos sobre o mito da democracia racial.

Durante todo meu planejamento e regência, busquei aprender o máximo possível sobre didática, de maneira que fosse simples para os alunos entenderem o que eu estava falando, além de utilizar fontes que foram de leitura fácil e compreensiva. Também busquei outros materiais, como os vídeos do *Tik Tok*, pinturas e tirinhas, além de reforçar minhas explicações, os alunos conseguiram perceber, através das imagens e falas dos personagens o tema da aula.

Essa foi a primeira parte da aula, que foi planejada para explicar o tema, abordando alguns conceitos e fazendo a conexão da escravidão com o racismo, de modo que foi algo mais conceitual, a parte que segue depois disso, foi pensada em abordar a realidade social de cada indivíduo – a mulher, a criança e o homem negro – dentro de uma sociedade racista, trazendo muitos exemplos de situações de racismo que, infelizmente, é algo comum no Brasil.

Comecei falando sobre a mulher negra, mais uma vez tive como base a Lélia Gonzalez nesse assunto. Iniciei apontando a maneira que o mito da democracia racial afeta a mulher negra, o grande exemplo que temos disso, é o carnaval, quando essa mulher sai de seu cotidiano e ocupa uma posição de destaque, posição essa que todos almejam ocupar,

porém, quando acaba, e, essa mulher volta para o seu lugar comum, ela passa a ser invisível, por que alguém iria querer ser igual a mulher negra comum?

Sendo assim, o mito a atinge dessa maneira, primeiro enaltecendo e depois apagando, usei também uma tirinha do Luiz para exemplificar essa questão. Seguindo com a aula, apresentei os motivos pelos quais a mulher sofre muito mais com o racismo, já que ela suporta calada as violências de seu local de trabalho, pois na maioria das vezes essa mulher tem um filho para sustentar, ou tem que ajudar com as despesas da casa, sem mencionar quando ela tem um parceiro que também é negro e vítima da violência policial, piorando totalmente essa situação. Ainda que essa situação não seja regra, ela é bem comum, por isso não poderia deixar de abordar por esse viés.

Aproveitando essa relação a respeito da violência policial, iniciei a discussão sobre o homem negro e a sua realidade social, meu foco foi exatamente esse, demonstrar que ele é alvo de tal violência, pois a maioria de notícias acerca de prisões de homens negros é sempre comum ter elementos como: “Policiais matam homem negro após confundir marmitta com arma”, não existem explicações e motivos plausíveis que justificam essa violência, ela ocorre contra esse homem negro por que ele está em um posição inferior à do policial, além do jogo de poder presente nessa questão também.

A respeito da criança negra, fiz comparações, evidenciando a diferença entre uma criança negra e uma criança branca, com o intuito de percebermos como são duas realidades muito distantes e, se tratando de crianças, existe uma sensibilidade nesse assunto, como alguém tão pequeno e inocente pode carregar uma culpa por algo que nasceu com ela?

Nesse sentido, trouxe um vídeo do *Tik Tok* que mostra os rituais pedagógicos que fortalecem o racismo e porque é crucial lutarmos por uma educação antirracista, pois quando uma criança é vítima de algo assim, ela nunca vai esquecer disso, é um trauma que sempre ficará marcado em toda sua trajetória de vida. O papel da educação é de extrema importância na vida dessa criança, por isso essa educação deve ser libertadora e não opressiva, pois, segundo Paulo Freire¹¹: “se a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é se tornar o opressor”.

Já encaminhando para o final da aula, quis apresentar, mesmo que breve, alguns exemplos de influenciadores negros e sobre como é importante que as pessoas negras possam conhece-las, pois a representatividade pode modificar vidas.

Por fim, trouxe três questões do ENEM e de alguns vestibulares, para preparar os alunos para as provas que iriam realizar, além de ser uma forma de exercitar tudo o que haviam aprendido na aula. Li as questões, eram todas de assinalar e optei por explicar todas as alternativas, evidenciado porque elas estavam erradas, e apontando a correta.

Disponibilizei meu e-mail e Instagram para os alunos entrarem em contato caso quisessem, agradei a Professora Joselene, a equipe do cursinho e, principalmente aos alunos, por terem acompanhado e participado da aula também, em determinados momentos eles foram fazendo perguntas e comentários acerca do tema da aula, foi muito gratificante, e assim terminou meu segundo estágio obrigatório.

Essa breve experiência com o Prevec foi muito importante para a minha formação, mesmo tendo sido uma experiência remota, me motivou muito no caminho da docência, foi muito gratificante ver os

¹¹ Paulo Reglus Neves Freire foi um educador e filósofo brasileiro.

alunos interessados e interagindo com o conteúdo, tirando dúvidas e fazendo apontamentos, me inspirando cada vez mais a me tornar uma profissional qualificada. Além disso, outro ponto relevante que apareceu nessa experiência, é referente a educação pública, gratuita e de qualidade, eu me formei em uma instituição pública, é meu dever proporcionar para os alunos um ensino com uma qualidade tão alta quanto instituições que tem um maior investimento na educação, fazendo com que as camadas mais baixas da sociedade tenham oportunidades também, pois o ensino faz uma diferença enorme na nossa vida.

Bibliografia

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

FREYRE, G **Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 34ª edição, Rio de Janeiro: Global, 1998.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**. Anpocs, 1984.

10

RELATO DE EXPERIÊNCIA COM A DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA NO PREVEC

Jorge Alexandre Bueno Aymoré¹

Me chamo Jorge Alexandre Bueno Aymoré, tenho 40 anos. Sou formado em Direito, pela Unipar de Cascavel-Pr. Cursei especialização em “Docência em Ensino Superior”, pela Unasp. Em 2021, pretendi retornar aos estudos e ingressei no Mestrado em Educação da Unioeste-PR.

Dentre as inúmeras atividades e créditos que temos de cumprir, o que mais tenho prazer em realizar é a docência. Sempre me fascinou a oportunidade de transmitir conhecimento, instigar a curiosidade, fomentar a busca pelas respostas, fazer com que os discentes sejam atendidos em seus anseios acadêmicos de receber instrução.

Logo no início do ano de 2022, recebo um e-mail, encaminhado pela Coordenação do Mestrado, do Curso Preparatório PREVEC – UFPR. O qual solicitava professores voluntários para colaborar com o Programa. Seriam necessários tanto no modo presencial como no remoto(online).

Fiquei interessado, afinal, ao se prontificar para a docência, quem mais estuda é o professor. Pois necessita preparar as aulas, estudar as questões, se atualizar. Sem falar no fato de ser um cursinho preparatório comunitário, o qual visa atender em especial estudantes em de famílias de baixa renda. Quando se trabalha com educação, se faz necessário ter consciência da necessidade da maior abrangência possível, de elevar ao máximo o alcance de qualquer meio que instrua, eduque.

¹ Professor voluntário do PREVEC na área de Sociologia.

Entrei em contato, e a Prof^a. Mara Parisoto, me recebeu prontamente. Inicialmente trabalharia com Filosofia. Mas surgiram colegas, mais qualificados e com mais experiência na área, seja para o remoto como para o presencial, e se verificou a necessidade de docentes para trabalhar com Sociologia, matéria a qual eu só havia trabalhado com turmas da graduação. Mas aceitei o desafio.

Tentamos num primeiro momento, organizar para que as aulas fossem presenciais, uma vez que resido em Cascavel e a sede do Prevec, se encontra em Palotina, uma distância de cerca de 100km. Mas infelizmente, considerando o gasto, o tempo de percurso, não foi possível estabelecermos as aulas presenciais.

Mesmo assim, considerei que a primeira aula, deveria presencial. Queria conhecer os alunos, a estrutura do programa, alguns professores.

Marcamos a primeira aula. Levei minha esposa para ser entrevistada. O tema da aula seria introdução à Sociologia e falaríamos um pouco de sobre violência doméstica.

A sala estava repleta, lotada. Trabalhamos o tema proposto e na segunda parte da aula, fizemos a entrevista com a Grazielle, minha esposa. Ela relatou sobre sua experiência de vida, dificuldades familiares e violência doméstica. Tanto os alunos do presencial como do remoto, ficaram atônitos, pareciam estar numa sala de cinema assistindo seu filme preferido. A aula em si, ficou a segundo plano. Mas aproveitando a oportunidade, utilizei a experiência da Grazielle para trabalhar pontos do tema proposto e assim os alunos, aprenderam na prática alguns conceitos.

Mas eles queriam mais. Fizeram muitas perguntas. Como foi passar por essas dificuldades. Quais os maiores desafios. Que experiências foram mais marcantes. A interação foi muito boa.

Porém, em algum momento, começamos a notar que algumas perguntas eram muito específicas. Não demonstravam exatamente uma dúvida genérica, mas sim uma confirmação de uma situação muito pontual, por parte de alguns alunos. Perguntavam como a Grazielle se sentia quando ocorria a violência. Como ela se comportava ou como deveria se comportar, entre outras perguntas. Com esta situação, acabamos por subentender que alguns destes alunos passariam por situações similares, de violência doméstica, em seus lares, sendo possível que não tivessem plena consciência disso.

A aula em si, foi por demais proveitosa. Foi uma primeira impressão muito positiva. Mas ficamos com uma “pulga atrás da orelha”, e passado alguns dias, em contato com a Coordenadora, prof^a Mara, externamos algumas considerações e preocupações no tocante a possibilidade de que alguns dos alunos estivessem vivenciando a violência doméstica em suas casas. E o retorno foi imediato, da prof^a Mara, que já havia chegado ao conhecimento dela que infelizmente, que alguns alunos estavam passando por esta situação. E que inclusive alguns, haviam deixado de ir as aulas por consequência deste tipo de violência.

O que fazer? Onde recorrer? Quais medidas poderiam ser tomadas? Até onde o programa poderia intervir? Orientar? Após algumas conversas, foi possível estabelecer ao menos um recurso. Faríamos alguns alertas. E organizaríamos um evento/aula com alguns profissionais que poderiam orientar acerca do tema.

Em contato com a Secretaria de Saúde do município, esta disponibilizou uma psicóloga para fazer uma palestra sobre o assunto. Bem como em contato com o Ministério Público, a Promotora de Justiça, titular da Comarca, pode da mesma forma estar conosco.

Foi um evento muito bom, não houve tantos alunos presencialmente, mas o evento foi transmitido e alcançou razoável quantidade de discentes. Esse procedimento, não curou quaisquer chagas. Não socorreu os alunos que já eram vítimas. Mas trouxe um pouco de informação, e quem sabe um “caminho das pedras” para se seguir.

Continuo com as aulas remotas. Nem sei dizer qual seria a minha aula favorita, todos os tópicos são muito interessantes. Quanto aos alunos? Bem são alunos, não conseguir captar exatamente a temperatura destes. Alguns dias, temos muitos alunos, que participam, perguntam e interagem na sala. Outros dias, a adesão a aula é bem pequena.

Não é fácil em todas as aulas, cativar e capturar a atenção de todos. Mas fico muito feliz por ter alguns alunos fiéis. Quando eles surgem no chat, com um Boa Noite Professor. É muito prazeroso. De alguma forma, estão absorvendo um pouco de conhecimento. Desejo muito o sucesso deles, nas provas, vestibulares, Enem, mas, sem dúvida, me sentirei realizado se eles absorverem parte do que conversamos em aula, e amadureçam, se tornem pessoas melhores. Este é o justo retorno que desejo.

Enfim, essa é a uma sucinta experiência, junto ao Prevec – Palotina. Espero que minha pequena colaboração com o programa tenha sido positiva, que eu possa ter ajudado de alguma forma os maravilhosos alunos que temos, e que eu não tenha decepcionado muito nossa sempre preocupada com os alunos, Prof^a Mara Fernandes.



A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de produção e pesquisa científica/acadêmica das ciências humanas, distribuída exclusivamente sob acesso aberto, com parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil e exterior, assim como monografias, dissertações, teses, tal como coletâneas de grupos de pesquisa e anais de eventos.

Conheça nosso catálogo e siga as nossas páginas nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



www.editorafi.org
contato@editorafi.org

